

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

Maria Fátima Fonseca Ramos

**OS IMPASSES DA SEXUALIDADE FEMININA NA OBRA DE
FREUD**

CURITIBA

2013

Maria Fátima Fonseca Ramos

**OS IMPASSES DA SEXUALIDADE FEMININA NA OBRA DE
FREUD**

**Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Psicologia da
Universidade Federal do Paraná, para
obtenção do grau de mestre.
Área de Concentração: Psicologia.
Linha de Pesquisa: Psicologia Clínica
Orientador: Prof. Dr. Sidney Nilton de Oliveira
Coorientador: Prof. Dr. Maurício José d'Escragnolle Cardoso.**

CURITIBA

2013

**Aos meus filhos
Frederico, André, Alice e Lucas,
que inspiram meu caminho e
enchem de alegria minha vida.
E, principalmente, suportaram meus altos e baixos.
À minha querida mãe, pelo seu amor.**

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço ao meu coorientador, Prof. Dr. Maurício José d'Escragnolle Cardoso, cuja orientação e leitura atenta do texto possibilitaram que esse trabalho atingisse sua forma final.

Agradeço à coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Prof^ª. Dr^ª. Jocelaine Martins da Silveira, que contribuiu para esta dissertação.

Agradeço também a minha amiga, colega e sócia Célia Carta Winter, pelo seu entusiasmo contagiante, que me motivou a entrar no mestrado, antes mesmo de haver feito as provas.

Aos meus amigos e interlocutores que me socorreram nos momentos difíceis: Gilberto Rudeck da Fonseca, Teresa Pavone e Mail Souza e Silva.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Sidney Nilton de Oliveira por haver aceitado ser meu orientador.

Finalmente agradeço à Prof^ª. Dr^ª. Louise Amaral Lhullier, que se dispôs a participar das bancas.

RESUMO:

RAMOS, Maria Fátima Fonseca. *Os impasses da sexualidade feminina na obra de Freud*. 2013. 79f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Departamento de Psicologia, do Setor de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

Percorre-se o tema da feminilidade na obra de Freud e nos textos lacanianos tendo como fio condutor o *Caso Dora*. O *Caso Dora* - objeto de investigação desta dissertação sob a forma de caso exemplar - instigou Freud a aprofundar-se no universo da sexualidade feminina. A intenção aqui é a de investigar a neurose histérica feminina na tentativa de localizar a razão que motivou Freud a escrever que deveríamos perguntar aos poetas ou aguardar o avanço da ciência se quiséssemos saber mais sobre o feminino. A partir desta pergunta nos propomos retornar aos seus primeiros escritos sobre a neurose histérica e acompanhar o caminho por ele percorrido. Em seguida trabalhamos os aportes de Lacan sobre o *Caso Dora*. Com Lacan, concluimos que Freud sabia muito mais do que imaginava, pois ao colocar-se na posição de quem nada sabia, permite o avanço de sua clínica e, conseqüentemente, de sua teoria.

Palavras-chave: Freud, Lacan, Clínica Psicanalítica, Dora, Feminilidade

RÉSUMÉ:

On parcourt le thème de la féminité dans l'œuvre de Freud et dans les textes de Lacan ayant comme fil conducteur le *Cas Dora* - l'objet de recherche de cette thèse sous la forme de cas exemplaire. Ce cas a incité Freud de se plonger dans le monde de la sexualité féminine. L'intention dans ce texte est d'étudier la névrose hystérique des femmes dans une tentative de trouver la raison qui a motivé Freud d'écrire que nous devrions demander aux poètes, ou attendre pour l'avancement de la science, si nous voulions en savoir plus sur le féminin. De cette question, nous proposons de revenir à ses premiers écrits sur la névrose hystérique et de suivre le chemin qu'il a parcouru. Ensuite, travailler les contributions de Lacan sur le *Cas Dora*. Avec Lacan, on conclut que Freud en savait beaucoup plus qu'il le croyais, car en occupant la place de qui n'en savait point, lui a permis la progression de sa clinique et donc, par conséquent, de sa théorie.

Mots-Clés: Freud, Lacan, Clinique Psychanalytique, Dora, Féminité

SUMÁRIO:

Conteúdo

Introdução.....	p.08
Capítulo I - Freud e o feminino.....	p.15
1.1. Feminilidade e a histeria.	p.21
1.2. Feminilidade e Caso Dora.....	p.33
1.3. Posição feminina segundo Freud.....	p.41
Capítulo II - Caso Dora segundo Lacan.....	p.48
2.1. Intervenções sobre a transferência.....	p.49
2.2. As flutuações da libido.....	p.57
2.3. A dissolução imaginária.....	p.59
2.4. A questão histórica (II): O que é uma mulher?.....	p.61
2.5. Dora e a Jovem Homossexual.....	p.63
2.6. As máscaras do sintoma.....	p.65
2.7. Do sujeito da certeza.....	p.67
2.8. O mestre castrado.....	p.69
Considerações finais.....	p.73
Referências bibliográficas.....	p.77

INTRODUÇÃO.

O que é uma mulher? Em que consiste a feminilidade? Quais são os impasses específicos da sexualidade feminina¹?

Por que e de que maneira na psicanálise freudiano-lacaniana a mulher apresenta ou testemunha do estatuto de um enigma? Podemos também por o problema do lugar simbólico da feminilidade do ponto de vista do *Outro* social e neste caso é fácil vermos o quanto ela nunca é objeto de um discurso neutro. No âmbito social ela tem sido sempre aclamada e difamada, endeusada e demonizada, e isso tanto na poesia como no campo da literatura. O mesmo pode ser dito com respeito ao modo pelo qual a mulher é ofertada nos espaços da mídia televisiva e na internet, onde tudo é mostrado em um apelo desenfreado à busca de satisfação de toda ordem, em especial a sexual: a mulher é sempre publicamente apresentada ao mesmo tempo com qualidades distintas e opostas, ou deusas ou demônios, sempre como algo com respeito ao qual não se pode ser indiferente. Todavia, independente da proliferação de discursos acerca da mulher, os quais sempre tendem a qualificar a feminilidade a partir seja de um excesso seja de uma carência (com respeito aos quais a masculinidade é posta por sua vez como regra ao mesmo tempo racional e equilibrada), a mulher permanece, para o homem e para ela mesma, um enigma.

Apesar de a mulher ter suas conquistas no campo social, econômico e político, e de ter sua palavra valorizada, assim como sua posição ativa e produtiva reconhecida, é importante salientar que o feminino de que a psicanálise trata, transcende o abordado pelo movimento feminista. Hoje a mulher com suas conquistas não é menos enigmática em seu ser e em sua constituição. Afirmar que há algo que *ultrapassa esta organização fálica, significa dizer* que a mulher não se traduz em suas representações sociais ou políticas. Inspirada na temática concernente à feminilidade e nos conceitos indicados na presente introdução, podemos dizer que é na experiência do amor e do sexo em relação a um gozo sem limite que pode se constituir a feminilidade.

As questões relativas ao problema da especificidade da constituição da feminilidade e dos impasses que lhe são próprios não são privativas da reflexão filosófica, literária ou sociológica. Ao contrário, talvez mais que em qualquer outro

¹Nesta dissertação de mestrado não há o interesse em fazer a distinção entre feminilidade e sexualidade feminina. O que nos importa é preservar o pensamento de Freud, que utilizava os dois termos como sinônimos.

²O termo *penisnoid* é traduzido em português por: *inveja do pênis*, este termo está relacionado ao que acontece no *complexo de castração* nas meninas. Segundo Freud, esta inveja se inicia com a visão dos

campo disciplinar, a interrogação sobre a origem e o desenvolvimento da mulher forma o coração da psicanálise, fazendo com que a história de tal reflexão se confunda com a própria história da clínica psicanalítica.

A falta, para a psicanálise, jamais poderá ser representada ou preenchida, pois é estruturante e responde por aquilo que nos torna humanos ao nos inscrever na vertente simbólica do desejo e da linguagem. A mulher é um dos nomes da falta, logo toda tentativa de representar *o que é uma mulher* será sempre fracassada, porque dela restará sempre algo silencioso que não pode ser apreendido ou dito.

As inúmeras maneiras de abordar a feminilidade, mais do que apreenderem então uma substância do feminino indicam, sobretudo, em função de sua própria multiplicidade, o estatuto de falta e de ausência do falo. A castração feminina, quer dizer, a ausência de pênis na mulher, mais do que qualquer outra coisa, fomenta o desejo de saber e incentiva o sujeito a buscar algo que possa preencher esta falta concernente ao enigma da feminilidade.

A preocupação central com a constituição da subjetividade feminina e com suas formas específicas de sofrimento é uma das características fundamentais do discurso psicanalítico. A abordagem do problema e o mal-estar da e na feminilidade atravessa de maneira essencial os textos de Freud e de Lacan. Lembremos, por exemplo, que para Lacan (e seguindo nisso a orientação de Freud), a posição inicial da menina no Édipo é de castração na medida em que seu corpo biológico lhe dá esta condição, tal como encontramos assinalado no seu texto *O aturrito: Por esta razão a elucubração freudiana do complexo de Édipo faz da mulher um peixe na água, pela castração ser nela ponto de partida...* (LACAN, 1972/2003, p. 465). Tal passagem nos relembra o quanto para Lacan, assim como para Freud, existia uma relação íntima do feminino com a falta e com o vazio.

Nesse sentido, foi em relação à diferença anatômica entre os sexos como momento fundamental para a subjetivação da castração que Freud se referiu à percepção de uma falta, e assim inicialmente marcada pela ausência do pênis. No entanto, lembremos igualmente que tal referência à percepção das diferenças corporais ultrapassava o dado anatômico, lançando a menina no debate edípico para mais além da ausência do órgão, seja por sua forma, seja por seu signo, estabelecendo assim uma dialética do ter e do não ter. Para Freud, o Édipo feminino é iniciado pela dor do não ter, pela castração, jamais superada pela mulher, pois nela a castração não produz os mesmos efeitos destrutivos ou ameaçadores que no menino, mas um sofrimento e uma

dor por não ter recebido da mãe o pênis que lhe falta imaginariamente. Trata-se do *penisnoid*² descrito por Freud, quer dizer, a dor de não ter.

Estamos neste ponto ainda nos referindo à dialética fálica, uma função imaginária essencial na constituição da decisão do ser, homem ou mulher, inscritos no debate edípico regulado pelo complexo de castração para a psicanálise. Na mulher, a passagem do objeto de amor materno para o paterno se dará em virtude do ressentimento de não ter recebido da mãe o pênis. Abre-se, assim, o caminho à sua feminilidade, voltando-se para o pai na promessa que ele lhe dê o pênis/filho³.

Mas como Freud chega a tal formulação? E, nesse sentido, de que maneira evolui a reflexão freudiana acerca da mulher e do enigma que ela representa? E, Lacan? Como ele aborda e trabalha a herança intelectual e doutrinária recebida de Freud a respeito da mulher?

A presente dissertação de mestrado pretende tratar do surgimento e do desenvolvimento da questão da sexualidade feminina tal como a elabora Freud, buscando, a partir daí, explicitar os impasses encontrados por ele na determinação deste tema. O *Caso Dora* (FREUD, 1905/2006, p.15) é reconhecido como um paradigma da neurose histérica e tomaremos-o como eixo central desta dissertação. Avaliaremos o material clínico preservado pelas anotações de Freud, os sonhos, os diálogos e as pontuações do analista, material que continua até a atualidade sendo objeto de debates e de trabalhos.

Buscaremos, em seguida, mostrar de que maneira tais impasses foram analisados segundo a óptica de Lacan. Para isso elegemos como exemplo maior do modo como Lacan aborda o problema da feminilidade alguns momentos de sua obra nos quais ele se refere à condução do tratamento de Freud no *Caso Dora*.

A partir da escuta das primeiras histéricas, Freud percebeu que a causa da histeria remetia à infância e, sobretudo, à repressão sexual à qual as mulheres estavam submetidas. A partir dele, aprendemos que os sintomas querem ser reconhecidos como desejo, mas um desejo inconsciente e, portanto, recalcado. Antes de Freud, este desejo era inaudito, não podia ser reconhecido, já que não havia ninguém para ouvi-lo e

²O termo *penisnoid* é traduzido em português por: *inveja do pênis*, este termo está relacionado ao que acontece no *complexo de castração* nas meninas. Segundo Freud, esta inveja se inicia com a visão dos genitais do outro sexo. A diferença é percebida imediatamente e também sua importância. Elas se sentem injustiçadas, declaram que querem ter um e se tornam vítimas da *inveja do pênis*.

³A equivalência entre o pênis e o falo é encontrada na obra de Freud.

interpretá-lo. Todos os caminhos em Freud o levarão a pensar o problema da mulher e da determinação da feminilidade em torno da questão edípica e será também com respeito ao problema edípico que Lacan buscará abordar o estatuto metapsicológico da mulher.

A primeira vez em que Freud comentou sobre o Édipo, no dia 15 de outubro de 1897, um dia muito particular, já que alguns dias antes havia dito a Fliess que não acreditava mais nas neuróticas. Caía a teoria da sedução que se sustentava como pilar da etiologia das neuroses, entrando então o Édipo neste espaço deixado por sua elaboração precedente. Entretanto, o que desaparece da teoria da sedução é apenas a crença na existência do fato literal, não desaparecendo o trauma inconsciente produzido. É o momento do abandono da técnica da hipnose e da descrença na sua eficácia. Nesse momento, ele busca um pensamento de validade universal que justificaria o amor pela mãe e o ciúme do pai. Esse descobrimento produziu uma grande oposição nos seus opositores, contraste marcante com a atualidade na qual a referência a uma posição edípica se popularizou.

Ao introduzir na *Conferência XXI, O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais* (FREUD, 1916/1976, p. 375), o conceito do *Complexo de Édipo*, abordado na página 17 desta dissertação, ele utiliza a tragédia grega escrita por Sófocles, conhecida como *Édipo Rei*. Diz Freud: *E, agora, os senhores estarão ávidos por ouvir o que esse terrível complexo de Édipo contém. Seu nome o diz. Todos os senhores conhecem a lenda grega do rei Édipo, fadado pelo destino a matar seu pai e a desposar sua mãe, que fez todo o possível para escapar à decisão do oráculo e puniu-se a si próprio cegando-se, ao saber que, apesar de tudo, havia, sem querer, cometido ambos os crimes.* (Ibid. p.386). Apoiar-se no Édipo para obter a universalização do que ocorre com os homens e com as mulheres deste conceito e ao mesmo tempo justificando a culpa que acompanha Édipo na tragédia e assinalando o quanto ele a percebia presente nos seus pacientes.

Ainda nessa *conferência* encontramos outro comentário que nos remete às dificuldades encontradas por Freud ao abordar um tema tão delicado como a sexualidade: *A essa escolha que a criança faz ao tornar sua mãe o primeiro objeto de seu amor, vincula-se tudo aquilo que, sob o nome de Complexo de Édipo, veio a ter tanta importância na explicação psicanalítica das neuroses e tem tido uma parte não menor, talvez, na resistência à psicanálise* (Ibid. p.385). O amor edípico supõe um

trabalho de subtração e de recalque das metas pulsionais. A proibição do gozo⁴, centro do complexo, vela a impossibilidade do gozo pleno. Em outras palavras, o gozo interdito conduz a suposição de que este seria possível se não fosse proibido, vetado. Este recalque do impossível do sexo terá uma influência importante no modo de organização das sociedades.

Somos tentados a pensar que Freud, ao tentar encontrar uma dimensão universal para o inconsciente a partir do descobrimento feito por ele na sua autoanálise procede por um caminho indutivo, partindo de um caso particular, o seu próprio, para uma regra universal. Exatamente o contrário do que ele mesmo propõe que os analistas façam, pois cada caso é único.

Encontramos aqui um impasse: se o Édipo é a estrutura comum a todos os seres humanos, por acaso esta estrutura não mascara um gozo mais íntimo, mais singular, mais secreto dissimulado nos motivos edípicos, um gozo, no entanto, que o sujeito comparte com seus semelhantes?

O alcance universal do *Complexo de Édipo* sustentado por Freud para validar sua teoria “para todos”, supõe a existência de um pai, que irá interditar, barrar e proibir, tornando-se objeto de amor e principalmente de ódio. Freud chega a sustentar que o complexo de Édipo é o que se encontra na origem da religião, da ética e também da moral. A lei cria o pecado! Quer dizer, a lei cria o pecado ao proibir o desejo e, nesse sentido, sem a lei o pecado está morto. Ou seja, a interdição cria o pecado constituindo o gozo como ilícito e culpado.

Em nosso primeiro capítulo buscaremos pontuar este elemento paradoxal presente nas elaborações freudianas do *Complexo de Édipo*, decorrentes da observação clínica dos seus pacientes, tanto homens como mulheres. Tratava-se da sua tentativa de universalização do que ocorria com os seres humanos.

Freud sempre considerou que o funcionamento psicológico das mulheres é mais enigmático do que o dos homens. Em seu texto *A feminilidade* (FREUD, 1933/1976, p.139) ele afirma que a mulher é um enigma a ser decifrado. A grande

⁴Segundo Miller, o gozo foi um conceito desenvolvido por Lacan, que aparece pela primeira vez no seu texto intitulado *Discurso de Roma*, no livro *Outros escritos* (LACAN, 1953/2003, p.139) para fazer contraponto ao automatismo de repetição da pulsão, citamos o trecho: *eu os remeto ao axioma segundo o qual a repetição está fundada sobre o gozo, ou seja, que conjuga o automatismo de repetição com a pulsão*. E continua: *A designação do gozo na dimensão imaginária está fundada na teoria freudiana da libido como o que passa do eu ao objeto transcritos nos primeiros esquemas de Lacan pelo vetor a—a’*. Foi baseando-se na *Introdução ao narcisismo de Freud*, que Lacan transcreveu a atribuição do gozo à dimensão imaginária...Portanto, o axioma que referencia o gozo à dimensão imaginária implica a conjunção do narcisismo com a relação de objeto (MILLER, 1995/2005, p.149).

pergunta que esteve presente nas elaborações teóricas de Freud e que o fez escrever esse texto, foi uma pergunta sobre o desejo da mulher: O que quer uma mulher? Dessa forma, nos importa sublinhar a atualidade de tal problema e, repetindo o procedimento freudiano no final do século XIX, reafirmar a necessidade de uma escuta atenta das questões que emergem na queixa do sujeito feminino.

Nossa proposta é verificar qual a questão que Dora produz em Freud que o fez trabalhar tão intensamente. Freud durante quase todo o período que seguiu ao tratamento de Dora retornou ao caso, fazendo observações, complementando com conceitos teóricos e tratando de encontrar as respostas para o que havia o intrigado no tratamento desta paciente.

Dora é a síntese deste trabalho, pois, todas as dificuldades e impasses diante da feminilidade dela confundem-se, em Freud, com a neurose histérica. Isto é, os impasses de Freud ante o feminino confundem-se com o próprio impasse da neurose histérica feminina.

Dando continuidade a esta proposta, apresentamos no segundo capítulo desta dissertação o *Caso Dora* de Freud, sob a óptica de Lacan. Lacan, seguindo os passos de Freud, apresenta elaborações teóricas em torno do *Caso Dora* em quase toda sua obra. Não é nossa pretensão abordar todos esses momentos, nem todas as referências, e sim, as mais importantes e mais detalhadas. Esta é uma especialidade de Lacan, tomar um caso clínico de Freud e trabalhar até a exaustão.

Trataremos de explicitar os conceitos lacanianos á medida que eles forem aparecendo, pois consideramos que seja a melhor estratégia diante de uma terminologia complexa e sofisticada, e que foi aprimorada continuamente a partir da prática analítica e dos conceitos formalizados por sua formação erudita. Ao longo de seus Seminários e Escritos, Lacan cita poetas, filósofos, e apoia-se em alguns deles na elaboração de sua teoria. No entanto, nos pautaremos sempre pelas observações de Lacan ao *Caso Dora* e nos ateremos a ele como indicando de que maneira Lacan prossegue a reflexão de Freud no que diz respeito à mulher e à feminilidade.

Quando de sua primeira abordagem do *Caso Dora* (LACAN, 1951/1998, p.214), ele considerará a existência de inversões dialéticas retiradas de seus estudos de Hegel. Essas inversões têm o intuito de promover uma verdade a partir delas. Que promovem por sua vez outras inversões, produzindo outras verdades, até que o sujeito esteja suficientemente implicado naquilo do que se queixa, podendo ele mesmo fazer estas inversões dialéticas. Podemos dizer que ele passa de uma posição de simples

objeto a agente da ação implicado assim no seu dizer. Nesse momento Lacan sustenta que o paciente é um sujeito mais a ser ouvido do que a ser observado nos aspectos mudos do seu comportamento. As doenças falam e temos que saber escutá-las.

A questão predominante de Lacan foi sempre investigar o que quer uma mulher. No cerne de sua reflexão acerca do *Caso Dora*, Lacan aponta para uma questão importante: mais do que o que deseja Dora, Freud deveria se centrar em *quem deseja em Dora*. No *Seminário livro 4, A relação de objeto* (LACAN, 1957/1995) Lacan afirma que a histérica ama por procuração; e ainda persiste na tese de Freud que ela é alguém cujo objeto é homossexual, por identificação ao outro sexo.

Veremos em seguida que a próxima abordagem de Lacan no interior de seu ensino dará ênfase à questão do desejo. Se nos Seminários (*Os escritos técnicos de Freud, As psicoses e A relação de objeto*) anteriores ao *Seminário Livro 5, As formações do inconsciente* (LACAN, 1958/1999) Lacan considerava que a Sra. K encarnava a questão da feminilidade de Dora, a partir deste ponto ele utiliza o conceito de desejo de Freud, introduzindo sua elaboração do desejo como desejo do Outro, quer dizer, da idealização do pai. Aquele que tudo pode, mesmo impotente. A Sra. K será o desejo de Dora, na medida em que ela é também o desejo do pai.

A próxima referência de Lacan ao *Caso Dora* será no *Seminário livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise* (LACAN, 1964/1985, p.40) que apresentamos nesta dissertação, aborda a fantasia e a identificação de Dora com seu irmão, marcando a introdução da relação imaginária entre Dora e este. Este é o centro das atenções da mãe de Dora, tendo, portanto, um valor libidinal e fálico para ela. Essa identificação abre o caminho para as outras que se seguiram, ou seja, com o seu pai e depois o Sr. K., e será neste Seminário livro 11, que o *objeto a*, como tal, aparecerá pela primeira vez, ainda como pequeno outro especular (LACAN, 1964/1985, p.330)

Finalmente no *Seminário livro 17, O avesso da psicanálise* (LACAN, 1970/2007, p.91), Lacan aborda pela última vez o *Caso Dora*. Começa a abordagem colocando a impossibilidade do gozo fálico como um fato geral, desenvolve a ideia de que a Sr^a. K é aquela que pode sustentar o desejo do pai de Dora e também de acolher o desejo do Sr. K. Dora é totalmente excluída desta situação e o faz de forma drástica. Quer que seu pai rompa a relação com os K., ameaça suicidar-se, é considerada uma pessoa desequilibrada, enfim, o mundo arquitetado por ela desaba. Neste percurso que faremos em pormenor acerca da interpretação de Lacan do *Caso Dora* veremos de que maneira os vários impasses freudianos foram abordados pelo psicanalista francês.

Atentos à atualidade e aos novos impasses surgidos em nossa época, como, por exemplo, o forte apelo às mulheres a atuarem ao modo dos sujeitos masculinos, isto é, fazendo série. Entretanto, sentimo-nos mais do que nunca aptas a afirmar que o feminino continua a ser a posição que convoca o laço social, a relação com o Outro e o amor, tornando possível aos sujeitos irem mais além de um gozo solitário e fálico.

É esta perspectiva que motiva esta dissertação, que está estruturada em dois capítulos:

Capítulo I

Freud e o feminino

1. Feminilidade e a histeria.
2. Feminilidade e Caso Dora.
3. Posição feminina segundo Freud.

Capítulo II

Caso Dora segundo Lacan.

1. Transferência e sua dialética.
2. As flutuações da libido.
3. A dissolução imaginária.
4. A questão histérica: O que é uma mulher?
5. Dora e a Jovem Homossexual.
6. As máscaras do sintoma.
7. Do sujeito da certeza.
8. O mestre castrado.

CAPÍTULO I – FREUD E O FEMININO

Tomando, então, como objeto de pesquisa o lugar da mulher na teoria psicanalítica e o problema da feminilidade que ela apresenta, iniciaremos nosso estudo percorrendo a obra freudiana desde os seus primeiros atendimentos clínicos, datados das últimas décadas do século XIX, até os seus últimos escritos, quando retorna a este tema no final de sua obra.

Nosso interesse é mostrar o caminho percorrido por Freud na sua elaboração do conceito da feminilidade, que nos parece confundir-se com o de neurose histérica, e iremos dividi-lo em três partes percebidas como interrogações na teoria freudiana no que se refere à sexualidade feminina:

Inicialmente, iremos privilegiar a relação entre feminilidade e teoria do trauma na origem da elaboração freudiana acerca da histeria. Freud percebe uma relação muito estreita entre feminilidade e traumatismo, que o faz pensar na possibilidade de ir da queixa à origem do sofrimento histórico, demonstrando uma união entre estes dois elementos. Centralizando nossa atenção nos primeiros casos freudianos, buscamos explicitar esta estreita relação entre a teoria do trauma e o conceito de histeria.

Para isso, percorreremos de maneira sucinta os casos apresentados nos *Estudos sobre a Histeria* (FREUD, 1893/1974, vol. II). Em todos eles, podemos observar tratar-se sempre de jovens encaminhadas a Freud com sintomas conversivos. Ele acreditava que, com a ajuda da hipnose, poderia induzi-las a retornar ao momento do trauma, pois ele julgava tratar-se de fatos concretos, isto é, que realmente elas haviam sido, em algum momento, seduzidas.

Explicitaremos como se sedimentaram os impasses que caracterizam a teoria da feminilidade em Freud, desde sua formulação do inconsciente a partir da teoria do trauma e da fantasia. O primeiro impasse é caracterizado pela crença em uma sedução real, concreta que Freud abandona, e em seguida desemboca na passagem da teoria da sedução à teoria da fantasia. No primeiro momento, Freud ainda acreditava que esta sedução, este traumatismo, tinha origem em um acontecimento real. Mais tarde retifica esta ideia passando do real do acontecido para o real do percebido. Essa passagem organiza a lógica da fantasia, que, na perspectiva infantil, poderia ser assim formulada: existe algo entre meus pais no qual eu não posso estar, descubro isto quando me excluem e me deixam sozinha. Neste ponto Freud estava começando a esboçar a teoria sexual infantil e vemos, assim, o trauma pensado como algo relativo a uma fantasia, como a expressão fantasmática de uma situação existencial infantil e, não necessariamente, como uma sedução real, marcando um momento de redirecionamento na elaboração freudiana da feminilidade.

Esse avanço teórico, indicado pela passagem da crença freudiana em um acontecimento real para a postulação de um componente mítico no psiquismo, de uma concepção realista do suceder psíquico para uma concepção pautada no caráter

fantasmático de sua dinâmica, toma justamente, como elemento central, uma noção que formará o coração da metapsicologia freudiana: o *Complexo de Édipo*.

O segundo momento retrata de que maneira o surgimento e desenvolvimento da noção de complexo de Édipo são indissociáveis do problema da feminilidade. Iremos ver como tal noção é consequência do seu trabalho com os sonhos e, logo, de uma elaboração mais detalhada do inconsciente. O *Caso Dora*, encontrado como *Fragmento de uma análise de um caso de histeria* (FREUD, 1905/2006, p.15), é paradigmático para a compreensão desta passagem da teoria da sedução para o *Complexo de Édipo*. No momento da publicação da *Interpretação dos Sonhos* (FREUD, 1900/1974, vol. III), Freud já comentava a importância do *Complexo de Édipo* para a constituição da sexualidade. Tomaremos esse texto como fundamental para a psicanálise, momento a partir do qual ele reconhece a importância do dispositivo psicanalítico com suas coordenadas fundamentais, isto é, a associação livre e também os sonhos como paradigmas do inconsciente, além dos chistes e dos atos falhos.

Trataremos aqui, do desenvolvimento da teoria sexual infantil e da elaboração do *Complexo do Édipo*, assim como das diferentes saídas propostas por Freud para a menina e, finalmente, nos depararemos com a descoberta da feminilidade como enigma na terceira parte deste capítulo. Abordaremos os textos freudianos mais específicos sobre o tema da feminilidade e as saídas possíveis do *Complexo de Édipo* no caso da menina. *Sexualidade feminina* (FREUD, 1931/1974, p.259) e *A feminilidade* (FREUD, 1933/1976, p.139) serão os textos privilegiados. Concluiremos, então, nossa pesquisa neste primeiro capítulo com um estudo sobre as elaborações finais de Freud acerca da feminilidade.

Para a plena realização desta análise, começaremos por abordar a própria origem da psicanálise. Como já foi dito, o dispositivo psicanalítico surge no momento mesmo em que Freud dá voz à histeria, dispondo-se a ouvir no sintoma um discurso inteligível em sua própria opacidade, que vem à tona pelo desvelamento do recalcado por meio do método analítico. Freud, mediante a associação livre, faz surgir a outra cena, a cena do inconsciente. A articulação entre o sintoma e o recordado dá sentido ao que era ininteligível. Entretanto, sempre restou a Freud o que ele chama de continente negro no seu texto *A feminilidade*, aquilo que não pode nos aparecer senão como obscuridade, algo sem nome que não pode ser lido, nem revelado o silêncio feminino, isto é, como a mulher se satisfaz sexualmente.

Sabemos que não há como definir o que é uma mulher, não se trata de uma ficção, mas sim, de que este lugar é vazio. Entretanto, estar vazio não elimina a existência de máscaras adotadas por cada uma, que digam acerca de sua feminilidade. Máscaras do nada, que são suficientes para justificar a conexão das mulheres com seus semblantes. Isto é, o que elas escolhem para velar o nada.

Freud, ao atender as pacientes, às quais denominou histéricas, tinha a intenção de demonstrar como a psicanálise poderia ser proveitosa para a descoberta do oculto e do recalado na vida anímica. Esta questão inicial fomenta seu percurso e permanece presente durante toda sua obra. Como vimos no início de sua elaboração, sua prática baseava-se na crença de um acontecimento traumático, real, vivido pelo paciente. A técnica utilizada estava relacionada à suspensão do trauma e de seus resíduos que adoeciam estas mulheres.

Foi por meio do tratamento pela hipnose que Freud buscou a suspensão do traumático. Seus relatos clínicos observavam certos critérios, visando proteger a integridade de suas pacientes. Entretanto, ele nos ensina deixando o registro de seus acertos e de seus fracassos tirando destas experiências elementos que o levaram a aperfeiçoar sua técnica. A formulação de sua teoria dos sonhos foi consequência de seu trabalho junto às pacientes, que ele tratou pelo método hipnótico e que o levou a uma ampliação do estudo da vida anímica e de seu funcionamento. Estes casos estão presentes, logo a seguir, no capítulo intitulado: A feminilidade e histeria.

Os processos psíquicos encobertos por deslocamentos e condensações, com o seu sentido alterado, na tentativa de escapar ao recalamento, foram desvelados por Freud. *Esta técnica nada tem de óbvia, é unicamente através dela que se pode extrair a matéria-prima das associações do enfermo, trata-se do metal puro dos valiosos pensamentos inconsciente* (FREUD, 1905/2006, p.108). Esta nova visão, a do inconsciente encoberto, o acompanhará na elaboração de toda sua teoria e no tratamento dos sintomas dos pacientes.

Após sua descoberta do conceito do inconsciente e sua formulação da teoria dos processos contidos na interpretação dos sonhos, Freud deixa de lado a teoria do trauma como um acontecimento real e elabora os conceitos de Complexo de Édipo e de Complexo de Castração. Com a elaboração desses conceitos, a mãe torna-se o primeiro objeto de amor da criança, seja ela menino ou menina.

A entrada no Édipo propriamente dito ocorre diante da constatação da diferença sexual anatômica entre ambos os sexos. Os homens irão enfrentar a ameaça de

castração, que marca sua entrada no Édipo, e terão que inventar o seu ser homem, ser masculino, permanecendo com o mesmo objeto de amor, a mãe, e identificando-se com o pai. Em contraposição, a menina nada tem a temer, pois ela já não tem o pênis. Sua entrada no Édipo é pela inveja do que ela crê que não lhe foi dado, razão pela qual a complexidade da constituição do seu ser é maior. Ela terá que fazer uma troca de seu objeto de amor. A saída da menina é voltar-se ao pai na esperança de obter deste o que supõe que sua mãe lhe negou, o pênis. A esse respeito Freud comenta:

... a distinção anatômica [entre os sexos] deve expressar-se em consequências psíquicas. Foi uma surpresa, no entanto, constatar, na análise, que as meninas responsabilizam sua mãe pela falta de pênis nelas e não a perdoam por terem sido, desse modo, colocadas em desvantagem. (FREUD, 1933/1976, p.153)

O *Caso Dora* (FREUD, 1905/2006, p.15), apesar de Freud tê-lo considerado incompleto por sua curta duração (três meses) e por seu término abrupto, é o exemplo majestoso da mudança da teoria do trauma para a teoria do *Complexo de Édipo*. Contudo, as dificuldades encontradas no tratamento de suas pacientes femininas permaneceram presentes até o final de sua obra. Como se tornar mulher? O que a faz mudar seu alvo amoroso?

Na tentativa de responder essas questões presentes na sua clínica, Freud propõe saídas, constatando as dificuldades das mulheres para atingi-las. No texto *A Feminilidade* ele retorna ao tema dizendo que na história da humanidade, as pessoas têm quebrado a cabeça com o enigma da feminilidade. Ele chega mesmo a afirmar que partes do aparelho sexual masculino também aparecem no corpo da mulher, ainda que em estado atrofiado, e vice-versa. Considera tais ocorrências como indicações da *bissexualidade: como se um indivíduo não fosse homem ou mulher, mas sempre fosse ambos — simplesmente um pouco mais de um, do que de outro* (FREUD, 1931/1974, p.265). Citando Freud:

O complexo de castração nas meninas também inicia ao verem elas os genitais do outro sexo. De imediato percebem a diferença e, deve-se admiti-lo, também a sua importância. Sentem-se injustiçadas, muitas vezes declaram que querem 'ter uma coisa assim, também', e se tornam vítimas da 'inveja do pênis'; esta deixará marcas indeléveis em seu desenvolvimento e na formação de seu caráter. (FREUD, 1933/1976, p.154)... A descoberta de que é castrada representa um marco decisivo no crescimento da menina. Daí partem três linhas de desenvolvimento possíveis: uma conduz à inibição sexual ou à neurose, outra, à modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade, a terceira, finalmente, à feminilidade normal. (Ibid. p.155)

Essas são as três possíveis saídas para o Complexo de Édipo,⁵ segundo Freud, e, entre elas, destacamos a que ele denomina de inibição sexual ou neurose histérica, que, como já foi dito, confunde-se com o conceito de feminilidade, a linha de pesquisa deste estudo. Na sua última abordagem sobre a sexualidade feminina, no texto *Esboço de Psicanálise* (FREUD, 1940/1975, p.168) ele retorna ao que possibilitaria a mulher aceder à castração e entrar no Édipo. E o que levaria a menina a voltar-se para o pai é possuir o pênis que sua mãe lhe negou; assim, a maternidade seria a única saída para a sexualidade normal que restará à mulher. Conforme Freud comentado anteriormente:

O desejo que leva a menina a voltar-se para seu pai é, sem dúvida, originalmente o desejo de possuir o pênis que a mãe lhe recusou e que agora espera obter de seu pai. No entanto, a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê, isto é, se um bebê assume o lugar do pênis, consoante uma primitiva equivalência simbólica. (FREUD, 1933/1976, p.157)

⁵O Complexo de Édipo, para sua melhor compreensão, deverá ser considerado em três tempos:

1o tempo: A criança busca, como desejo de desejo, poder satisfazer o desejo da mãe, sendo o objeto de desejo dela. Nesse caminho colocam-se dois pontos, o ego e o seu outro, aquilo com o que procura ser. No primeiro tempo o sujeito se identifica especularmente com aquilo que é objeto do desejo de sua mãe. É denominada etapa fálica primitiva.

2o tempo: O pai intervém como privador da mãe. É aparecimento da lei, no plano imaginário, aquilo que desvincula o sujeito de sua identificação. O caráter decisivo do Édipo deve ser isolado como relação, não com o pai, mas com a palavra do pai. O pai onipotente é aquele que priva a mãe, no segundo tempo.

3o tempo: O pai pode dar a mãe o que ela deseja, porque o possui. A identificação pode ser feita com a instância paterna realiza-se, portanto, nesses três tempos.

1o : a instância paterna se introduz de uma forma velada;

2o : o pai se afirma em sua presença privadora de um modo mediado pela mãe, que é quem o instaura como aquele que lhe faz a lei;

3o : o pai se revela como aquele que tem. É à saída do Édipo, onde se faz a identificação com o pai, no ideal do eu, que se inscreve no triângulo simbólico no polo em que está o filho. No pólo materno começa a constituir-se o que será realidade e no nível do pai, o que será o supereu;

No terceiro tempo, portanto, o pai intervém como real e potente. Esse tempo sucede à privação ou castração que incide sobre a mãe. É por intervir como aquele que tem o falo que o pai é internalizado no sujeito como Ideal do eu, e a partir daí o Complexo de Édipo declina. A criança detém consigo todas as condições das quais pode se servir no futuro. A metáfora paterna leva à instituição de alguma coisa que é da ordem do significante, que fica guardada de reserva e cuja significação se desenvolverá mais tarde.

A mulher na terceira etapa é diferente. Ela não tem que fazer esta identificação viril. A mulher sabe onde deverá ir buscá-lo, vai à direção daquele que tem: O Pai. Na feminilidade verdadeira há algo meio extraviado. Será a verdadeira mulher, aquela que sacrifica tudo por causa do seu homem? Ela deve então ser distinguida da mãe, ao contrário do que propunha Freud, ao identificar a feminilidade com a maternidade nas saídas do complexo de Édipo. (RAMOS, M.F.F., *As estabilizações na Psicose Paranóica*, monografia da Especialização Saúde mental, Psicopatologia e Psicanálise. PUCPR, Curitiba, 2002).

Diante dessa saída proposta por ele, a inveja do pênis, inscrita na dialética fálica do ter ou não ter o pênis, se resolveria com a maternidade. Podemos marcar este como o maior impasse de Freud em relação ao feminino, pois ele considerava que a saída do feminino era ser mãe, confundindo assim o ser mulher com ser mãe. Entretanto, o feminino está do lado da mulher que dirige seu desejo a um homem, podendo se fazer de causa de desejo, semblante do objeto. De acordo com o que dissemos no início desta exposição, não há como definir o que é uma mulher, mas é possível fazer semblante e velar o vazio.

1. FEMINILIDADE E HISTERIA.

Freud, no início de seu trabalho, fica fascinado com as pacientes que eram conhecidas como histéricas, *quando voltou para Viena, em 1886, ali se fixando para estabelecer uma clínica de doenças nervosas, as histéricas constituíram a maior parte de sua clientela* (FREUD, 1893/1974, p. 15). A partir de sua familiaridade crescente com a histeria, Freud inicia um projeto inteiramente novo de compreensão dos fenômenos da divisão psíquica que o leva então à descoberta do inconsciente. Foi justamente tratando de mulheres com sofrimentos histéricos que ele pôde desenvolver tanto a técnica quanto o método psicanalíticos, propondo nele um tratamento através da palavra. Nesse sentido, podemos resumir a proposta inicial de Freud nos seguintes termos: a compreensão da divisão psíquica, baseada na postulação de um conflito fundamental com base na sexualidade, resulta na afirmação da existência de uma instância psíquica inconsciente, a qual seria justamente o alvo da investigação psicanalítica. Sendo sua investigação da neurose histérica inseparável do modo de constituição da prática psicanalítica, Freud em 1893 descreveu alguns casos clínicos que se tornaram emblemáticos para a psicanálise e, em função disso, não poderemos nos privar de retomá-los em nossa própria demonstração. São eles: *Frau Emmy von N., Miss Lucy R., Katarina e finalmente, Fraülein Elisabeth von R*⁶.

Ressaltaremos aqui alguns pontos nodais dos casos clínicos que apontam para a libidinização sintomática de partes do corpo, que eram verdadeiros braços da repressão sexual na histeria, os quais remetiam assim ao desejo sexual inconsciente. É

⁶Esses casos, encontrados nas obras completas de Freud no volume intitulado: *Estudos sobre a histeria*, serão apresentados com mais detalhes neste capítulo.

importante notar que esses sintomas que se apresentavam no corpo das histéricas não se relacionavam a nenhum substrato orgânico. Esta é a grande descoberta de Freud sobre a causação psíquica.

Os casos clínicos aqui apresentados mostram o surgimento da práxis analítica. Freud aprende com suas pacientes, seu trabalho era pioneiro e ele tinha consciência de que não teria fontes onde recorrer, sabia da insuficiência de informações sobre o tema que começava a investigar. Suas pacientes o fazem construir sua teoria, quando durante o atendimento a elas, começa a usar a técnica de associação livre, técnica esta presente até hoje na prática analítica. Inicia-se uma nova era no tratamento das doenças psíquicas, trata-se de uma ruptura importante com a sua prática anterior a hipnose. O conceito do inconsciente começa a ser formulado como consequência do trabalho realizado com estas pacientes.

Submeter suas pacientes à hipnose foi o primeiro obstáculo encontrado por Freud, uma vez que algumas conseguiam ser hipnotizadas, enquanto outras não conseguiam. Ainda havia as que não se interessavam por se submeter a esse procedimento. Entretanto, nesse movimento incessante de busca na diminuição dos malefícios causados pelos sintomas de suas pacientes, Freud percebe que o momento traumático que ele tanto pensara existir, era, na verdade, fruto da fantasia destas pacientes. Em outras palavras, tais pacientes não eram histéricas porque haviam sido seduzidas ou abusadas, eram histéricas porque elementos que não estavam esclarecidos, que eram da ordem do inconsciente e que ele intuía estar ligado à sexualidade delas, não lhes permitiam saber sobre seus sintomas.

A técnica da associação livre e a utilização do divã, que facilitava a livre associação, tornaram-se uma tradição na psicanálise a partir do atendimento destas pacientes. Dessa maneira, após a desistência da utilização da técnica da hipnose, Freud manteve estas técnicas em seu dispositivo clínico.

1.1. Emmy Von N.

Emmy tinha 40 anos quando foi recebida por Freud; era uma pessoa fácil de ser colocada em estado de hipnose. Por esse motivo, ela inaugura a primeira tentativa de Freud de lidar com este método. Ele nos conta que sua voz era baixa e falava com dificuldade, uma fala entrecortada que a fazia gaguejar. Frequentemente interrompia sua comunicação produzindo um estalido pela boca. Subitamente estendia a mão na direção

de Freud e com a voz mudada e carregada de ansiedade dizia: “Fique quieto! – Não diga isto! – Não me toque!”. (FREUD, 1893/1974, p. 91).

Apesar de a paciente pertencer a uma família numerosa, somente quatro dos seus quatorze irmãos sobreviveram. A educação familiar era muito rigorosa e sua mãe excessivamente severa e enérgica. Casou-se aos 23 anos e em seguida teve duas filhas. Após o nascimento delas, uma tragédia se abate sobre a vida da paciente, seu marido morre de derrame cerebral, cabendo a Emmy a difícil tarefa de ocupar-se sozinha da educação das filhas.

Durante os quatorze anos que seguiram à morte do marido, adoecer começou a fazer parte de sua rotina de vida, até que finalmente ela resolve buscar ajuda e começa a se fazer atender por Freud. A primeira sugestão dele foi que ela se separasse das filhas para ser melhor atendida. Aceitando a recomendação, ela se interna numa casa de saúde e deixa suas filhas sob o cuidado da governanta. A pronta aceitação dessa sugestão deixa Freud perplexo. Já havia se iniciado a instalação de um processo terapêutico.

Emmy relatava, sob hipnose, inúmeras histórias, entre elas a de um menino que morrera de susto ao ser maltratado com ratos brancos. Ao investigar o livro cuja história estaria presente, Freud não encontrou a referência aos ratos. Nos relatos de uma dessas sessões de hipnose de Emmy, Freud lhe pergunta por que se assustava com tanta facilidade, e ela relaciona isto com as lembranças de sua meninice. Aos cinco anos, seus irmãos e irmãs costumavam atirar animais mortos sobre ela. Foi quando seu primeiro sintoma apareceu sob a forma de um primeiro desmaio e espasmos. Sua tia chama sua atenção e diz que aquilo era uma vergonha e que ela não devia ter daqueles ataques, de modo que eles pararam. Aos sete anos ela volta a se assustar, tem uma alucinação e vê, inesperadamente, sua irmã no caixão. Seus sustos se repetem, e, aproveitando-se de sua fragilidade, seu irmão a aterroriza várias vezes, passando-se por fantasma, e os sustos se repetem na ocasião da morte da tia. Freud conclui:

É claro que essa série de causas desencadeadoras traumáticas que ela citou em resposta a minha pergunta sobre a razão de ser tão propensa a se assustar, já estavam prontas em sua memória. Ela não poderia ter reunido tão depressa esses episódios de diferentes períodos de sua infância no curto intervalo transcorrido entre minha pergunta e sua resposta. No fim de cada uma das histórias ela se crispava toda e assumia uma expressão de medo e horror. (Ibid. p.96)

Nas sessões de hipnose subsequentes, Freud consegue esclarecer o motivo da produção do estalo com a boca e do início da gagueira. A gagueira iniciou-se com

sua doença e o estalido estranho começara na época em que sua filha adoecera cinco anos antes. A hipnose revelou fatos traumáticos da vida desta paciente e alguns deles estavam relacionados aos seus espasmos físicos abruptos. Sua história familiar começara a ser revelada e Freud descobre que a mãe de Emmy havia sido internada num manicômio, um histórico psiquiátrico recorrente na família. Devemos a Emmy o aparecimento do que futuramente ele denominaria de método da associação livre, eis o relato:

Nem sua conversa durante a massagem é sem objetivo, como poderia parecer. Pelo contrário, encerra uma reprodução razoavelmente completa das lembranças e das novas impressões que a tem afetado desde a nossa última conversa, e com frequência nos leva, de maneira bem inesperada, às reminiscências patogênicas, das quais se desabaça sem ser solicitada. É como se tivesse adotado meu método e se valesse de nossa conversa, aparentemente sem constrangimento e guiada pelo acaso, como um complemento de sua hipnose. (Ibid., p.100)

As frases repetitivas e abruptas da paciente aos poucos foram sendo esclarecidas com o transcorrer do tratamento. O *fique quieto* estava relacionado aos animais por ela visto nos seus períodos delirantes, ou nos seus *maus estados*, enquanto o *não me toque*, aos problemas de saúde de seus familiares. Freud percebeu que se tratavam de quatro situações diferentes e que Emmy as relatou tão rapidamente que pareciam ser um único episódio.

Um dos momentos mais marcantes de sua vida foi a morte de seu marido, ele falecera diante dela, fato que a deixou bastante transtornada. Emmy assustava-se com a entrada de pessoas no local onde ela se encontrava. Provavelmente o fato estava ligado às dificuldades de relacionamento de Emmy com os familiares do marido, eles a acusavam de tê-lo envenenado. O desentendimento sempre existiu, eles nunca concordaram com o casamento e irritavam-se com a felicidade deles, os insultos verbais eram frequentes.

Com o intuito de eliminar o sofrimento de Emmy, Freud usa a hipnose, acreditando que se remontasse até o acontecimento traumático, produtor do sintoma, removeria tais lembranças, podendo, assim, dar-se a desvinculação daqueles. Perguntalhe, sob hipnose, por que ela estava tão desassossegada. Ela relata ter sentido medo de que sua menstruação recomeçasse e interferisse na massagem. Freud pede que ela lhe conte a história das dores na perna. A doença remonta à época em que havia cuidado do irmão e prosseguiu com uma longa série de exemplos de experiências, alternadamente aflitivas e irritantes, ocorridas na mesma ocasião que as dores na perna, e elas ficaram

cada vez piores, até, finalmente, ela ficar com paralisia bilateral e perda de sensibilidade nas pernas.

O mesmo se aplicava às dores do braço. Elas também surgiram enquanto a paciente cuidava de algum doente, ao mesmo tempo que as câibras no pescoço”... “Falharam minhas tentativas de demonstrar que esse complexo de sintomas representava uma lembrança. Fiz-lhe algumas perguntas com a finalidade de descobrir se seu irmão, enquanto a paciente o assistia durante o delírio dele, alguma vez a agarrara pelo pescoço; mas ela negou e disse não saber de onde provinham esses acessos. (Ibid. p.115).

Notamos nesse trecho a crença de Freud no poder da hipnose de modificar o sintoma inscrito no corpo. Ele iniciava sua profissão e acreditava que o paciente poderia criar uma falsa ligação entre o seu sintoma e sua vida, ligação produzida a partir da ignorância ou por um desprezo deliberado, acarretando assim uma divisão na consciência, sendo que tal divisão, geralmente, não era nítida para a pessoa em questão.

Suas pacientes histéricas o haviam ensinado que, apesar de elas terem uma excelente memória, suas queixas indicavam a fragmentação de suas vidas. Acontecimentos e dores que se associavam apenas acidentalmente depois se repetiam em sua memória como símbolos somáticos de todo complexo de associações. *Dores miogênicas, que são universalmente comuns, adquirem grande importância nos neuropatas (Ibid. p.116).* Desde o início esse novo tratamento se apresentou como uma experiência instrutiva para Freud, pois ele havia perguntado à paciente quanto tempo depois a gagueira voltara, e ela contestara de forma hesitante (sob hipnose), que isso ocorrera desde um choque que experimentara em D — durante o inverno. A presença de componentes de cunho sexual chama a atenção de Freud diante das revelações da paciente:

Um garçom do hotel em que estava hospedada havia se escondido em seu quarto de dormir. Na escuridão, disse ela, confundira o objeto com um sobretudo e estendera a mão para apanhá-lo, tendo o homem de repente “dado um pulo para o alto”. Eliminei essa imagem mental e, de fato, a partir daquele momento, ela deixou de gaguejar visivelmente, quer na hipnose, quer na vida de vigília. (Ibid. p.123)

Essa passagem deixa evidente a satisfação de Freud com sua técnica, a eliminação da gagueira com a hipnose é o efeito esperado. Também o é a presença de elementos que vinculavam a sexualidades das pacientes, sejam como medos, ou como desejos ocultos, tornando cada vez mais claro para ele que estava obtendo sucesso com sua técnica e teoria nascentes.

Na conclusão do tratamento de Emmy, Freud propõe um diagnóstico de histeria, pois considerava que os delírios e as alucinações que a paciente apresentava eram suaves e que os outros aspectos de sua atividade mental não estavam comprometidos e permaneciam intactos. Todas suas conversões, inclusive a anestesia na perna dolorida, não admitiam dúvida quanto à natureza histérica da doença. Ele adota pela primeira vez o termo *conversão para designar a transformação da excitação psíquica em sintomas somáticos crônicos, sendo tal transformação um elemento fundamental da histeria*. (Ibid. p. 131)

O tratamento de Emmy é extremamente favorável fazendo que ele adquira confiança em sua técnica, alegra-se por haver conseguido eliminar os sintomas que produziam um mal-estar na paciente. É o início da sua prática no tratamento de sintomas conversivos. Passemos agora ao caso denominado por ele Miss Lucy R.

1.2. Miss Lucy R.

Lucy tinha 30 anos quando começou a tratar-se com Freud em 1892. Ela perdera totalmente o sentido do olfato, entretanto, era perseguida por algumas sensações olfativas subjetivas que lhe eram muito aflitivas. *Estava sempre desanimada e fatigada, com queixas referentes à falta de apetite, dores de cabeça e perda de eficiência* (FREUD, 1893/1974, p.153). Lucy era de nacionalidade inglesa e vivia como governanta na casa de um gerente de uma fábrica. Apresentava constituição delicada, mas gozava de boa saúde apesar de seus sintomas depressivos. A paciente era resistente ao tratamento hipnótico, porém, Freud acreditava poder vencer esta barreira para eliminar das lembranças da paciente o acontecimento traumático pontual que produzira seus sintomas.

Em nossas primeiras tentativas de tornar a doença inteligível, foi necessário interpretar as sensações olfativas subjetivas, visto que eram alucinações recorrentes, como sintomas histéricos crônicos. Sua depressão talvez fosse o afeto ligado ao trauma, e deveria ser possível encontrar uma experiência em que esses odores, que agora se haviam tornado subjetivos, tivessem sido objetivos. Essa experiência devia ter sido o trauma que as sensações recorrentes do olfato simbolizavam na memória. (FREUD, 1893/1974, p. 153)

O cheiro de pudim queimado era o odor que mais frequentemente a perturbava, provavelmente esse cheiro deveria remetê-la a alguma situação vivida anteriormente e experimentada de forma traumática. Tratava-se de uma situação incomum, pois as sensações olfativas normalmente não são escolhidas como símbolos

mnêmicos de traumas. Freud resolve investigar mais atentamente o que esse cheiro representava na vida da sua paciente. Sua resistência à técnica a impede de ser hipnotizada, e essa dificuldade apresenta-se para Freud como uma oportunidade para mudar a direção na condução de seu tratamento.

Apesar de a hipnose ser considerada naquela época como o mais poderoso tratamento para os pacientes histéricos, ao perceber a dificuldade na aplicação da técnica, Freud resolve não utilizá-la com tanta frequência. Sua confiança na hipnose começava a ser abalada, pois, descobre que pelo menos *seus* poderes estavam sujeitos a graves limitações e que, quando o estado de sonambulismo não era provocado num paciente nas três primeiras tentativas, não havia meio de induzi-lo. Constatava que a percentagem de casos acessíveis ao sonambulismo era muito menor, em sua experiência, do que a relatada por outros. Freud se vê confrontado com a opção de abandonar o método catártico na maioria dos casos que lhe seriam apropriados ou aventurar-se à experiência de empregar esse método sem o sonambulismo, quando a influência hipnótica fosse leve ou mesmo quando sua existência fosse duvidosa. Ele escreve:

Parecia-me indiferente qual o grau de hipnose — de acordo com uma ou outra das escalas propostas para medi-la — que era alcançado nesse estado sonambúlico, pois, como sabemos de qualquer modo cada uma das várias formas assumidas pela sugestionabilidade independe das outras, e a obtenção da catalepsia, de movimentos automáticos e assim por diante não funciona nem favorecendo, nem prejudicando aquilo de que eu precisaria para minhas finalidades, ou seja, que o despertar das lembranças esquecidas fosse facilitada. (FREUD, 1893/1974, p.155).

O objetivo de Freud era o *despertar das lembranças esquecidas* e esta direção do tratamento torna-se cada vez mais importante. O desinteresse pela prática da hipnose começa a esboçar-se em seus escritos de forma mais clara. Os motivos do desinteresse de Freud nesta prática e seu gradual distanciamento foram vários, destacamos entre eles o grande número de casos nos quais a confiança dos pacientes era abalada. Os pacientes tornaram-se resistentes ao tratamento e não queriam se submeter a tal prática. Esses acontecimentos o fizeram apostar em novas técnicas, avançar no tratamento e aos poucos abandonar a utilização da hipnose. Uma nova técnica foi pedir a paciente para que ela permanecesse deitada de olhos fechados. Uma inovação para a prática da psicanálise. Ele comenta este episódio:

Quando, portanto, minha primeira tentativa não me conduzia nem ao sonambulismo nem a um grau de hipnose que acarretasse modificações físicas marcantes,

eu abandonava de modo ostensivo a hipnose e pedia apenas “concentração”; e ordenava ao paciente que se deitasse e deliberadamente fechasse os olhos como meio de alcançar essa “concentração”. (FREUD, 1893/1974, p.156).

A concentração que Freud pretendia alcançar em suas pacientes tratava-se, na realidade, de uma tentativa de fazer aflorar o material inconsciente nela contido. Era o início de uma escuta mais além da fala, o esboço da aposta na capacidade de as pacientes revelarem suas dores, seus conflitos e suas aflições. Havia várias dificuldades e os pacientes ainda não tinham aprendido a relaxar sua faculdade crítica. Rejeitavam as lembranças que surgiam ou as ideias do que lhes havia ocorrido. As alegações variavam, podia ser por desinteresse ou porque não estavam diretamente relacionadas com a queixa, ou porque eram interrupções irrelevantes.

Era uma nova direção que se abria para o tratamento do sofrimento psíquico, e, apesar dos fracassos, Freud não desistiu de sua descoberta. Foi com Lucy que esta nova técnica, denominada *técnica de pressão*, surgiu. Essa surpreendente e instrutiva experiência lhe serviu de modelo. Resolveu partir do pressuposto de que seus pacientes sabiam tudo sobre o patogênico, que se tratava apenas de manejar a situação e fazê-los comunicar suas descobertas. Inicia-se o que chamamos de crença no inconsciente.

Freud não ficou muito satisfeito com o resultado desse tratamento. É que ainda não tinha nenhuma ideia de quais poderiam ser as características da histeria. Contudo, antes que a ênfase principal de sua investigação concernente à natureza do trauma comece a ser abalada, novos horizontes se abrem para o tratamentos desses pacientes. Agora com a colaboração mais efetiva da paciente, uma parceria com a reação produzida nos sujeitos ao terem suas verdades afloradas.

Passaremos agora a outro caso, ainda na perspectiva de abordar o avanço teórico e clínico de Freud e o crescente desapego à técnica da hipnose, tratando de esclarecer o que o motivou a abandonar este procedimento.

1.3. Katarina.

Freud estava de férias quando Katarina o abordou e perguntou se ele era médico. Tratava-se de uma jovem de uns 18 anos *com uma aparência normal, uma constituição forte e sólida e de aparência infeliz.* (FREUD, 1893/1974, p. 173). Sofria de falta de ar e às vezes pensava que iria se sufocar; em outros momentos achava que

alguém estava atrás dela e que iria agarrá-la. Avançando no tratamento, essas preocupações da paciente começam a ser esclarecidas. A lembrança relacionada com a falta de ar vinculava-se a acontecimento de natureza sexual.

Ela havia surpreendido seu tio tendo relação sexual com a empregada de uma estalagem. A cena lhe provocou falta de ar. É interessante observar a persistência de Freud em relacionar a histeria com fatores sexuais, isto é, a presença do componente sexual na produção de sintomas nas pacientes histéricas. Eis o relato:

Eu não tinha nada de mau na mente. Olhei para dentro. O quarto estava um pouco escuro, mas vi meu tio e Franziska; ele estava deitado em cima dela.

—E então?

—Afastei-me da janela imediatamente, apoiei-me na parede e fiquei sem ar, justamente o que me acontece desde então. Tudo ficou opaco, minhas pálpebras se fecharam a força e havia marteladas, um zumbido em minha cabeça. (FREUD, 1892/1969, p. 176).

O próprio afeto, concluiu Freud, havia criado um estado hipnoide isolando a ideia e dissociando-a da consciência. O relato de Katarina traz toda a dor e os problemas que surgiram na família após sua denúncia da cena que presenciara. A separação do casal acontece como consequência de sua intervenção, sua tia muda-se com os filhos e com ela, e há uma série de discussões e de brigas após o conhecimento dos fatos.

Após esses acontecimentos o casal se separa e sua tia fica com a estalagem, deixando o marido sozinho com Franziska, que já estava grávida. Durante o relato dos acontecimentos, Katarina muda totalmente de tema e começa a relatar dois grupos de histórias mais antigas, que aconteceram dois ou três anos antes desse momento traumático. Seria esse o começo da técnica da *associação livre*, unir um fato a outro sem censura e sem interrupção.

Freud relata esse episódio pontuando que foi a partir de sua experiência que introduziu esse procedimento na sua prática. Katarina segue seu relato e relaciona esse episódio com outros que aconteceram; entretanto, nessas vezes, a pessoa a quem o tio investira sexualmente era ela. A primeira recordação, a primeira cena foi quando seu tio alcoolizado entra em seu quarto. Ela não estava totalmente adormecida, mas ela tornou a adormecer e de repente quando acordou *sentiu o corpo dele* na cama. A falta de ar, nesse momento em que ela sente o corpo dele na cama, fora mais forte do que em qualquer outra ocasião. Entretanto, esta vem acompanhada com dores no peito, também presente em outras situações.

A segunda situação segue a mesma lógica, também está relacionada a uma tentativa de sedução do tio. Ele invade o quarto de Katarina e fica no escuro a observá-

la. Somente após a intervenção de Freud é que essa cena toma sentido, a jovem não havia percebido qual era a verdadeira intenção do seu tio. *Ao fim desses dois conjuntos de lembranças, ela parou. Parecia alguém que tivesse passado por uma transformação. O rosto amuado e infeliz ficara animado, os olhos brilhavam, sentia-se leve e exultante.* (FREUD, 1893/1974, p.179)

Fica claro, para Freud, que as cenas anteriores estavam relacionadas, de forma obscura, à cena do tio tendo relação sexual com Franziska. Não sabemos se começou a compreendê-las conscientemente, mas certamente a rechaçá-las. Os vômitos aparecem logo após a terceira cena, a do tio fazendo sexo com a funcionária da estalagem, denotando signos de uma repulsa moral e física.

Freud, ao associar essas cenas e ao relacioná-las aos seus fenômenos físicos, a falta de ar e os enjoos, proporciona a ela uma compreensão interna da intenção do tio e de seu desprezo por ele. O outro sintoma, a sensação de perseguição, advinha da ira que o tio sentira por ela. Após ver seu casamento destruído, ele projeta toda a culpa em Katarina e as ameaças tornam-se constantes. Nas ocasiões em que ele a encontrava, mesmo a distância, seu rosto se transfigurava de ódio e ele partia para cima dela com a mão levantada de forma ameaçadora. Ela conseguia fugir dele, entretanto, ficava apavorada com a ideia de que algum dia ele a surpreendesse. O rosto que a amedrontava era o do tio. Freud conclui:

Em toda análise de casos de histeria baseados em traumas sexuais, verificamos que as impressões do período pré-sexual que não produziram nenhum efeito na criança atingem um poder traumático, numa data posterior, como lembranças, quando a moça ou a mulher casada adquire uma compreensão da vida sexual. (Ibid., p. 182)

Esse caso traz outra dimensão na prática de Freud, conduzindo-nos aos importantes elementos contidos na elaboração de sua teoria e todos os caminhos que o levaram a incluir os componentes sexuais na construção de sua teoria da sexualidade, principalmente a feminina. Passaremos ao caso de Elisabeth e aos avanços na teoria analítica explicitados por Freud após esse atendimento.

1.4. Elisabeth Von R.

No outono de 1892, um amigo de Freud sugere que ele receba uma jovem que sofria de dores na perna e tinha dificuldades ao caminhar. Havia passado por situações de perda nos últimos anos, tendo muitos infortúnios e pouca felicidade.

Primeiro, o pai morrera e em seguida sua mãe tivera de submeter-se a uma séria operação na vista. Logo depois, sua irmã casada sucumbira a uma afecção cardíaca de longa duração após o puerpério. Elizabeth foi quem cuidou de todos os que se enfermaram.

Elizabeth era inteligente e mentalmente normal, suportava seus problemas com um ar alegre, apesar da interferência em sua vida social e nos seus prazeres. Um caso típico da *a belle indifférence* dos histéricos. Tratava-se de mais um diagnóstico difícil, mas finalmente ele optou pelo de histeria. Freud fica impressionado com a indefinição do caráter das dores fornecidas pela paciente, por se tratar de pessoa muito inteligente. Entendemos que paciente que sofra de dores orgânicas, a menos que além disso seja neurótica, as descreverá de forma definida e calma. Dirá, por exemplo, que são dores lancinantes, que ocorrem a certos intervalos, que se estendem deste lugar para aquele e que lhe parecem ser provocadas por uma coisa ou outra. Isso não acontecia com a paciente, eis seu relato:

No caso da Srta. von R., contudo, quando se pressionava ou beliscava a pele e os músculos hiperalgésicos de suas pernas, seu rosto assumia uma expressão peculiar, que era antes de prazer do que de dor. Ela gritava mais e eu não podia deixar de pensar que era como se ela estivesse tendo uma voluptuosa sensação de cócega — o rosto enrubescia, ela jogava a cabeça para trás e fechava os olhos, e seu corpo se dobrava para trás. (Ibid. p.185)

As atitudes de Elizabeth não correspondiam aos seus sofrimentos e sua reação ante a dor física era diferente do esperado. Quando se estimula uma região sensível à dor em alguém com uma doença orgânica ou num neurastênico, o rosto deste paciente assume uma expressão de mal-estar ou de dor física. Além disso, ele se esquiva, retrai-se e resiste ao exame. Não era isso que acontecia com Elizabeth. Essa forma diferente de reagir, chamou a atenção de Freud. Parecia uma dissociação, como se não fosse ela a pessoa com tais sintomas.

Freud, mais adiante em sua elaboração teórica, nos dirá que na histeria existe a dissociação entre o afeto e as ideias. O esquecimento pode ser a manifestação desta dissociação, como observamos no caso de Katarina. Depois de sua frustração com a técnica da hipnose, de ver que os efeitos almejados não se realizaram, ele fica com receio e teme uma nova decepção. Por outro lado, é interessante observar, que se tratava de uma novidade, os efeitos ele desconhecia, como também o seu alcance. Esta técnica demandava mais tempo, pois, surtia efeitos de forma mais lenta, entretanto, traz

revelações que o surpreendem. No atendimento de Katarina, Freud observa que o seu procedimento não a colocara em nenhum outro estado a não ser naquele em que ela fizera seu relato. Já lhe satisfazia o fato de ela não ter protestado nessa ocasião, nas palavras de Freud:

Não estou dormindo, sabe; não posso ser hipnotizada. Nesse ponto, ocorreu-me a ideia de recorrer ao expediente de aplicar-lhe a pressão na cabeça, cuja origem descrevi na íntegra no caso clínico de Miss Lucy. Realizei isso instruindo a paciente para que me informasse com fidelidade tudo o que aparecesse em sua imaginação ou de que se lembrasse no momento da pressão. Ela ficou calada por muito tempo e então, por insistência minha, admitiu ter pensado numa noite em que um jovem a acompanhara até em casa depois de uma festa, da conversa que houvera entre eles e dos sentimentos com que voltara para casa a fim de ficar à cabeceira do pai enfermo. (FREUD, 1893/1974, p.190)

Freud aos poucos vai relacionando os sintomas de suas pacientes aos acontecimentos traumáticos na esfera da sexualidade. Não apenas como algo da ordem da sedução ou da violência sexual, mas relacionados a traumas experimentados e não como acontecimentos pontuais.

Continuando a descrição deste caso, Freud observa que após o ataque cardíaco de seu pai, Elisabeth encontrava-se de pé ao lado da porta quando ele foi trazido para casa. Ao vê-lo, ela se assusta, e, após o susto, fica paralisada como se tivesse criado raízes no chão. Freud destaca: *pareceu haver tornado o seu caminhar doloroso...* (Ibid. p. 200).

A transcrição desses casos clínicos servem de sustentação na construção desta dissertação de mestrado. Podemos tirar destes relatos elementos indicadores do trajeto percorrido por Freud na elaboração do seu conceito do inconsciente e da descoberta, de forma empírica, de técnicas que facilitariam o tratamento, acessando informações inconscientes, ocultas e recalçadas pelo próprio paciente, como consequências de suas experiências dolorosas, ou devidas a perdas ou decepções. Essa elaboração teórica da sexualidade de Freud iniciou-se no tratamento desses sujeitos femininos, aqui relatados.

Freud era um investigador e tornou-se um desafio construir uma teoria que fosse científica, quer dizer, que fosse possível ser aplicada a todos os seres. Em suas correspondências com seu interlocutor, o Dr. Fliess, esses desafios são abordados de forma constante. Para Freud, já não se tratava de encontrar um acontecimento traumático pontual e sim, da necessidade de elaborar um conceito consistente e irrefutável. Isto é, algo diferente do que já fora proposto. O traumático não mais como

relacionado à materialidade de um acontecimento, como uma sedução real, e sim vivido como uma fantasia. É a introdução do mítico na teoria freudiana, e este mítico tem nome: Complexo de Édipo.

2. FEMINILIDADE E O CASO DORA

Freud baseou-se na tragédia de Sófocles (496–406 a.C.), *Édipo Rei* para formular o conceito do Complexo de Édipo, a preferência velada do filho pela mãe, acompanhada de uma aversão clara pelo pai. Trata-se de um conceito fundamental para a psicanálise, entendido por esta como sendo universal e, portanto, característico de todos os seres humanos. Freud, buscando cunhar uma teoria científica encontra na mitologia grega esta tragédia que ilustrava os sentimentos contraditórios de amor e hostilidade tipicamente humanos. Este conceito é melhor esclarecido quando ele toma um exemplo clínico *Caso Dora*.

Neste sentido, abordaremos este caso clínico que é o fio condutor desta dissertação de mestrado para falar da subjetividade do sujeito feminino, pois ilustra de forma magnífica a elaboração teórica de Freud nesse período, e de todas transformações que a acompanham.

2.1. O Caso Dora

Em 1899, época em que Freud finalizava o texto *A Interpretação dos Sonhos* (FREUD, 1900/1974), que marcaria o início da Psicanálise e o percurso que o levaria a construir o conceito do inconsciente, ele inicia o tratamento de uma jovem de dezoito anos, cujo demandante é o seu pai, que outrora fora paciente de Freud e ficara muito satisfeito com o sucesso do seu tratamento. Tratava-se daquela que ficaria conhecida como *Dora* e que faria parte da restrita galeria de casos clínicos trabalhados textualmente por ele.

Convém lembrar que se trata aqui da transição da prática de Freud. Uma mudança gradativa da técnica apresentada no tópico anterior, seu trabalho com a hipnose e a construção de um novo procedimento clínico, elaborado a partir da colocação de suas pacientes. Seu trabalho persistente e minucioso começa a apresentar resultados e passa a utilizar os sonhos como um instrumento de conhecimento do material anímico inconsciente. Freud teve um bom encontro com a utilização dos

sonhos como uma formação do inconsciente. Inicialmente ele avaliava seus próprios sonhos e depois começou a utilizar esta técnica em seus pacientes⁷. Entre outros eventos de sua vida anímica, seus pacientes também lhe contavam sonhos que pareciam reclamar inserção na longa trama de relações tecida entre o sintoma da doença e a ideia patogênica. Ele escreve:

Nessa época, aprendi a traduzir a linguagem dos sonhos em formas de expressão de nossa própria linguagem do pensamento, compreensíveis sem maior auxílio. Esse conhecimento, posso asseverar, é imprescindível para o psicanalista, pois o sonho é um dos caminhos pelos quais pode aceder à consciência o material psíquico que, em virtude da oposição criada por seu conteúdo, foi bloqueado da consciência, recalcado, e assim se tornou patogênico. O sonho é, em suma, um dos desvios por onde se pode fugir ao recalçamento, um dos principais recursos do que se conhece como modo indireto de representação no psíquico. O presente fragmento da história do tratamento de uma jovem histérica destina-se a mostrar de que forma a interpretação dos sonhos se insere no trabalho de análise. (FREUD, 1905/2006, p. 26)

O *Caso Dora* encontra-se no início da nova elaboração teórica de Freud e ele nos faz participar dessa descoberta com o relato pormenorizado do caso. Iniciaremos descrevendo os principais pontos da história de vida da paciente e os fatos que a trouxeram até o tratamento. Em 25 de janeiro (Carta 140), ele escreve:

Sonhos e Histeria foi concluído ontem. É um fragmento de análise de um caso de histeria em que as explicações se agrupam em torno de dois sonhos. Portanto, é, na realidade, uma continuação do livro sobre os sonhos. [A Interpretação dos Sonhos (1900a) fora publicada um ano antes.] Contém ainda resoluções de sintomas históricos e considerações sobre a base sexual-orgânica de toda a enfermidade. (FREUD, 1905/2006, p.15)

O seguinte resumo cronológico, baseado nos dados fornecidos no relato do caso clínico, nos facilitará acompanhar os acontecimentos da narrativa:

1882- Nascimento de Dora.

1888- (6 anos) Pai tuberculoso. Família muda-se para B

1889- (7 anos) Enurese noturna.

1890- (8 anos) Dispneia.

1892- (10 anos) Deslocamento da retina do pai.

1894- (12 anos) Crise do pai.

Visita dele a Freud. Enxaqueca e tosse nervosa.

1896- (14 anos) Cena do beijo.

⁷ A utilização dos sonhos segue sendo um dos instrumentos mais úteis para desvendar o inconsciente nas psiconeuroses, por sua eficácia como método psicoterapêutico.

1898- (16 anos) (Princípios do verão) Primeira visita de Dora a Freud.
(Fins de junho) Cena junto ao lago. (Inverno) Morte da tia. Dora em Viena.
1899- (17 anos) (Março) Apendicite. (Outono)
A família deixa B e se muda para a cidade onde ficava a fábrica.
1900- (18 anos) A família se muda para Viena.
Ameaça de suicídio. (Outubro a dezembro) Tratamento com Freud.
1901- (Janeiro) Redação do caso clínico.
1902- (20 anos) (Abril) Última visita de Dora a Freud.
1905- Publicação do caso clínico.

Dora apresentava sintomas corporais tais como a dispneia, acompanhada de *tussis* nervosa, ataques de afonia e enxaquecas, entretanto, Freud percebe que a verdadeira questão desta jovem, estava muito além do orgânico. Ela permanece pouco tempo em tratamento (três meses) e o término abrupto, anunciado na última sessão, o surpreende.

A família da paciente era pequena, constituída por sua mãe, seu pai e seu irmão mais velho. O pai era a pessoa dominante, tanto por sua inteligência e seus traços de caráter como pelas circunstâncias de sua vida. Na época do atendimento de Dora ele beirava os cinquenta anos, era um grande industrial com ótima situação econômica, um homem de atividade e muito talento. Dora era carinhosamente apegada ao pai e quando este adocece, este sentimento se intensifica. A mãe da paciente era uma figura apagada e merece o seguinte comentário de Freud:

Não cheguei a conhecer sua mãe. Pelas comunicações do pai e da moça, fui levado a imaginá-la como uma mulher inculta e acima de tudo fútil, que, a partir da doença e do conseqüente distanciamento de seu marido, concentrara todos os seus interesses nos assuntos domésticos, e assim apresentava o quadro do que se poderia chamar de "psicose da dona-de-casa". Sem nenhuma compreensão pelos interesses mais ativos dos filhos, ocupava o dia todo em limpar e manter limpos a casa, os móveis e os utensílios, a tal ponto que se tornava quase impossível usá-los ou desfrutar deles. (FREUD, 1905/ 2006, p. 30).

Cabe lembrar que Dora é uma jovem de 18 anos, culta e muito articulada, porém, com vários sintomas somáticos, os quais a acompanhavam há alguns anos. Quando apresentada a Freud, descobre que, apesar de ser inteligente e esperta, ela tinha vários problemas emocionais. Sua relação com a mãe havia se deteriorado nos últimos anos, Dora a menosprezava, criticava-a duramente e subtraía-se por completo de sua influência. A relação entre mãe e filha havia se tornado inamistosa. O seu irmão mais

velho, durante as discussões familiares, costumava tomar partido da mãe polarizando a situação, de um lado filho e mãe e do outro, Dora e o pai. Mais tarde, o pai adoece de pneumonia agravando sua condição de saúde. É nesse momento que entra na vida desta família o casal que foi denominado “K”. A Sr^a. K. ajuda na recuperação do pai de Dora e torna-se uma presença fundamental no seu tratamento. Freud relata:

Contou-me o pai que ele e a família tinham feito uma amizade íntima em B com um casal ali radicado já há muitos anos. A Sr^a. K. cuidara dele durante sua longa enfermidade, tendo assim feito jus à sua eterna gratidão. O Sr. K. sempre fora extremamente amável com sua filha Dora, levando-a a passear com ele quando estava em B e dando-lhe pequenos presentes, mas ninguém via nenhum mal nisso. Dora tratava com o mais extremo cuidado os dois filhinhos dos K., dedicando-lhes uma atenção quase verdadeiramente maternal. (FREUD, 1905/2006, p. 35).

O relacionamento com os K. havia começado antes da doença grave do pai, entretanto, só se tornou íntimo quando, no curso dessa enfermidade, a jovem senhora, a Sr^a. K., assumiu oficialmente a posição de enfermeira, enquanto a mãe de Dora se mantinha afastada do leito do doente. Sempre que Dora repreendia o pai por causa da Sr^a. K., ele costumava dizer que não entendia sua hostilidade, imediatamente, ele exaltava as qualidades e enfatizava seus agradecimentos à Sr^a. K. Concluía dizendo que seus filhos tinham todas as razões para lhe serem gratos.

Dora questionava esse relacionamento e frequentemente pedia à sua mãe uma explicação sobre esta estreita relação, entretanto, ela concordava com o marido e, inclusive, relatava um episódio que justificava todo o apreço que ela dedicava à Sr^a. K. Certa ocasião, seu marido estava tão triste que quisera suicidar-se nos bosques. A Sr^a. K. suspeitando disso, fora atrás dele e o persuadira. Naturalmente, Dora não acreditava na veracidade desse fato, percebia a ingenuidade da mãe e imaginava que o papai inventara a história do suicídio, para justificar seu encontro com a amante.

Dora suspeitava da existência de relações mais íntimas entre a Sr^a. K. e seu pai, mas durante algum tempo isso não a incomodou. Entretanto, nos últimos dois anos a forma como ela encarava esse fato se alterou, a situação misteriosamente mudara. Isso ocorrera logo após um incidente que mudara a relação desta com a família K. Passeando por um lago no bosque perto da casa onde se encontravam, o Sr. K. lhe havia abordado com propostas indecorosas. Eis o relato da cena do lago:

O Sr. K. fizera uma introdução razoavelmente séria, mas ela não o deixara terminar. Mal compreendeu do que se tratava, deu-lhe uma bofetada no rosto e se afastou às pressas. Eu queria saber que palavras ele empregara, mas Dora só se lembrou de uma de suas alegações: “Sabe, não tenho nada com minha mulher.” Naquele momento, para

não tornar a encontrá-lo, ela quisera voltar para L contornando o lago a pé, e perguntou a um homem com quem cruzou a que distância ficava. Ante a resposta “duas horas e meia”, desistiu dessa intenção e voltou em busca do barco, que partiu logo depois. O Sr. K. também estava lá novamente, aproximou-se dela e lhe pediu que o desculpasse e não contasse nada sobre o incidente. Mas ela não lhe deu resposta alguma...(FREUD, 1905/2006, p.97)

Dora é encaminhada à Freud por seu pai, o qual ela permanece por sua própria vontade, e o seu sintoma tinha como objetivo afastar seu pai da Sr^a. K. O que ela não conseguira com argumentos, talvez o conseguisse assustando o pai (com a carta de despedida), ou despertando sua piedade (com seus desmaios), ou vingando-se dele. A histérica quer o sacrifício do pai, e Dora ameaça-o com o seu suicídio, caso ele não abandone seu relacionamento.

Examinaremos a seguir os fatos clínicos ocorridos durante os três meses de tratamento da jovem. Como a construção deste caso clínico acontece junto com a elaboração de Freud da teoria dos sonhos, parece-nos importante apresentar nesta dissertação os dois sonhos trazidos por Dora e trabalhados exaustivamente por Freud. O primeiro deles é um sonho recorrente, periodicamente repetido e, para Freud, é importante e justificável, no interesse do tratamento, considerar o entrelaçamento desse sonho na trama da análise. Eis o sonho, tal como Dora o relatou:

Uma casa estava em chamas. Papai estava ao lado da minha cama e me acordou. Vesti-me rapidamente. Mamãe ainda queria salvar sua caixa de joias, mas papai disse: ‘Não quero que eu e meus dois filhos nos queimemos por causa da sua caixa de joias.’ Descemos a escada às pressas e, logo que me vi do lado de fora, acordei. (FREUD, 1905/2006, p. 67)

Ao trabalhar o sonho em análise, Freud percebe que ela havia sonhado o mesmo sonho por três dias seguidos no local onde ocorre a cena do lago e agora em Viena. Interessa a Freud descobrir o que unia, no sonho de Dora, um local importante no passado com uma situação presente, aumentando sua expectativa a respeito de sua solução. Querendo descobrir qual fora o motivo de sua recente repetição, pede então a Dora que decomponha o sonho e lhe comunique o que lhe ocorria a propósito deste. Sua associação a conduz a uma lembrança relacionada a um fato recente, e reproduziremos aqui o diálogo com Freud:

— “Ocorre-me uma coisa”, disse ela, “mas não pode ter nenhuma relação com isso, porque é muito recente, ao passo que sem dúvida eu já tivera o sonho antes.”
— Não tem importância, vá em frente — respondi; — é justamente a última coisa que se adequa ao sonho.

— *“Está bem; nesses últimos dias papai teve uma discussão com mamãe porque ela tranca a sala de jantar à noite. É que o quarto de meu irmão não tem entrada independente, e só se pode chegar a ele pela sala de jantar. Papai não quer que meu irmão fique trancado assim à noite. Diz ele que isso não é bom; pode acontecer alguma coisa durante a noite que torne necessário sair.”*

— *E isso a fez pensar no risco de um incêndio?*

— *“Sim”*. (FREUD, 1905/2006, p. 67)

Essa cena remete Dora a uma outra cena referente à sua chegada com a família no local denominado “L” por Freud, onde ocorre a cena do lago. Ao deparar-se com a casa de madeira, a primeira inquietação do seu pai, manifestada abertamente, foi sua angústia diante da possibilidade de um incêndio. Quando Dora e o pai chegaram em L., uma violenta tempestade os recepcionou e eles perceberam que a casinha de madeira não tinha para-raios, aumentando assim a probabilidade de risco de acontecer um incêndio. Ao ser questionada se a sequência dos sonhos recorrentes ocorreram nos dias após a cena do bosque, Dora não confirma, mas produz associações esclarecedoras:

Na tarde seguinte ao nosso passeio pelo lago, do qual o Sr. K. e eu voltamos ao meio-dia, eu tinha-me recostado no sofá do quarto, como de costume, para dormir um pouco. De repente, acordei e vi o Sr. K. parado em frente a mim...”

— *Quer dizer, tal como você viu seu pai no sonho ao lado de sua cama?*

— *“Foi. Mandei que ele explicasse o que estava procurando ali. Como resposta, ele disse que não ia deixar de entrar no seu próprio quarto quando quisesse; além disso, queria apanhar alguma coisa. Com isso, fiquei prevenida, perguntei à Sra. K. se não havia uma chave do quarto e, na manhã seguinte (no segundo dia), tranquei-me enquanto fazia minha toalete. À tarde, quando quis me trancar para deitar de novo no sofá, a chave tinha sumido. Estou convencida de que o Sr. K. a havia retirado.”*(Ibid. p.69)

Vesti-me rapidamente, presente no sonho, estava então relacionada a essa situação relatada por Dora, quando explica porque resolve não ficar mais na casa dos K. durante a doença de seu pai. A confiança que seu pai lhe transmitia deixava-a segura e protegida dos investimentos sexuais do Sr. K. Nas demais manhãs ela seguia temendo que o Sr. K. a surpreendesse enquanto fazia sua toalete, a expressão que aparece nos sonhos tem aqui sua raiz: e *por isso sempre me vestia muito rapidamente*. Sentia-se desprotegida, pois seu pai ficava no hotel e a Sr^a. K. saía cedo para encontrá-lo, mas o Sr. K. não voltou a lhe importunar.

Segundo a teoria dos sonhos, todo sonho é um desejo que se representa como realizado. A representação é encobridora quando se trata de um desejo recalcado, e este pertence ao inconsciente, só o desejo inconsciente ou um desejo que chegue até o inconsciente, possui a força para formar um sonho. Isto é, todo sonho tem um sentido possível de ser descoberto mediante um certo processo de interpretação. *Uma vez*

completa a interpretação, pode-se substituir o sonho por pensamentos que se enquadrariam na vida anímica de vigília facilmente reconhecível (Ibid., p.70).

É interessante observar que as articulações feitas por Freud o conduzem à construção de sua teoria do Complexo de Édipo. Ora, ele percebe que o amor do pai antes dirigido à filha, que não encontrava em sua mãe uma rival à sua altura, quando passa a ser dirigido à Sr^a. K., abala a segurança de Dora quanto ao amor paterno. Dora tenta dirigir o amor dedicado ao seu pai ao Sr. K, pelo menos é esta a interpretação de Freud. Cito a conclusão de Freud sobre este sonho:

— Ou seja, você sabia disso... Agora o sentido do sonho está ficando ainda mais claro. Você disse a si mesma: esse homem está me perseguindo; quer forçar a entrada em meu quarto, minha “caixa de joias” está em perigo e, se acontecer alguma desgraça, a culpa é do papai. Foi por isso que escolheu, no sonho, uma situação que expressa o oposto, um perigo de que seu pai a salva. (Ibid., p.71)

A interpretação detalhada e complexa destes sonhos não será abordada nesta dissertação, foram escolhidos apenas alguns elementos considerados fundamentais na nossa pesquisa. Passaremos agora ao estudo do segundo sonho de Dora, que ocorreu algumas semanas após o primeiro. Não se trata de um sonho tão transparente quanto o primeiro, mas ele confirmou o estado anímico da paciente, preencheu lacunas de sua memória e permitiu obter um melhor conhecimento da gênese de seus sintomas.

Segundo sonho:

Narrou Dora: Eu estava passeando por uma cidade que não conhecia, vendo ruas e praças que me eram estranhas. Cheguei então a uma casa onde eu morava, fui até meu quarto e ali encontrei uma carta de mamãe. Dizia que, como eu saíra de casa sem o conhecimento de meus pais, ela não quisera escrever-me que papai estava doente. Agora ele morreu e, se quiser, você pode vir. Fui então para a estação [Bahnhof] e perguntei umas cem vezes: Onde fica a estação? Recebia sempre a resposta: Cinco minutos. Vi depois à minha frente um bosque espesso no qual penetrei, e ali fiz a pergunta a um homem que encontrei. Disse-me: Mais duas horas e meia. Pediu-me que o deixasse acompanhar-me. Recusei e fui sozinha. Vi a estação à minha frente e não conseguia alcançá-la. Ai me veio o sentimento habitual de angústia de quando, nos sonhos, não se consegue ir adiante. Depois, eu estava em casa; nesse meio tempo, tinha de ter viajado, mas nada sei sobre isso. Dirigi-me à portaria e perguntei ao porteiro por nossa casa. A criada abriu para mim e respondeu: A mamãe e os outros já estão no cemitério [Friedhof] (Ibid., p.93).

Freud, após o relato do sonho por Dora, orienta-a na articulação deste com os últimos acontecimentos de sua vida. Questões importantes se apresentam ajudando a refletir sobre os caminhos percorridos até a compreensão do sonho. São as perguntas formuladas pela própria Dora. Ei-las: *Por que foi que, nos primeiros dias depois da*

cena do lago, eu nada disse sobre ela? Segunda pergunta: *Por que, então, de repente contei isso a meus pais?* (Ibid. p.94). Para o Sr. K., a proposta a Dora era verdadeira e não uma tentativa leviana de sedução. O fato de ela ter comentado o episódio aos seus pais parecia a Freud um ato de uma doentia sede de vingança.

Dora resolve comunicar a Freud o seu desligamento do tratamento, ela havia pensado em aguentar até o Ano Novo, mas não queria esperar mais pela cura. Suas palavras surpreendem Freud, mas apesar da notícia, ele faz questão de continuar a sessão e ela lhe traz um fato novo, que consideramos muito importante para esta dissertação sobre a sexualidade feminina. Quando Dora não permite que o Sr. K. termine sua frase, com certeza existe algum motivo. Nossa hipótese é que talvez seja porque esta frase era semelhante à que ela escutara minutos antes. Dora, ainda na residência, havia conversado com uma jovem governanta, que trabalhava na casa do Sr. K. e que também era alvo do cortejo deste senhor. Vejamos o relato de Freud:

Bem, havia uma mocinha na casa, como governanta das crianças, que exibia um comportamento estranhíssimo em relação ao Sr. K. Não o cumprimentava, não lhe dava nenhuma resposta, nunca lhe entregava nada à mesa quando ele lhe pedia, em suma, tratava-o como se fosse vento. Aliás, ele também não era muito mais cortês com ela. Um ou dois dias antes da cena do lago, a moça me chamou à parte; tinha algo a me comunicar. Contou-me então que o Sr. K., numa época em que sua mulher estivera ausente por várias semanas, tinha-se aproximado dela, fizera-lhe um assédio insistente e lhe pedira que fosse solícita com ele, dizendo que não tinha nada com sua mulher etc.”
Ora, são as mesmas palavras que ele usou ao fazer-lhe sua proposta, e em função das quais você lhe deu a bofetada no rosto. (Ibid. p.102)

Os sentimentos contraditórios frutos de uma desilusão amorosa de Dora, sua tentativa de chamar atenção escrevendo uma carta ameaçando suicidar-se, sua desconfiança das intenções de todos que estavam ao seu redor, nos levam a formular algumas questões.

Tratava-se o Sr. K. de um conquistador, querendo transformar Dora em mais uma mulher de sua coleção? Dora se desiluiu com isso?

Havia mesmo uma inclinação de Dora pela Sr^a. K., a qual era objeto de intensa admiração por parte da moça, que elogiava seu belo corpo alvo e que nunca se referira a ela de forma raivosa? (Ibid. p.69). Dora abandona o tratamento para vingarse de Freud?

No posfácio do *Caso Dora*, Freud indica alguns fatores que levaram ao fracasso desta análise, sendo o primeiro a sua interrupção abrupta. Outro fator considerado foi a falta de experiência de Freud no manejo da transferência, a qual não tendo sido colocada para a paciente, possibilitou que ela se vingasse do pai por

intermédio de seu analista. Porém, o ponto principal encontra-se numa nota de rodapé de 1920 (1905/2006, p.138), em que Freud admite ter sido seu maior erro sua tendência em enfatizar o amor de Dora pelo Sr. K., sendo que seu maior interesse, na realidade, se dirigia para a Sr^a. K. Entretanto, cabe a pergunta se a interpretação feita por Freud à Dora estava ou não no tempo adequado.

Pensamos tratar-se de equívoco, pois, mesmo em seus comentários posteriores, Freud não valoriza o trabalho de transferência neste caso. Entretanto, para Lacan, a transferência já havia se instalado no atendimento de Dora. Freud não podia ver que o desejo da histérica é sustentar o desejo do pai, no caso de Dora, *sustentá-lo por procuração como um desejo insatisfeito* (LACAN, 1964/1985, p. 41).

3. POSIÇÃO FEMININA SEGUNDO FREUD.

Uma vez tal análise realizada, consideramos que nossa pesquisa se encerrará com uma investigação acerca das saídas do complexo de Édipo de acordo com as últimas elaborações freudianas. No intuito de pôr em relevo certas questões importantes para nossa tema, como aquelas relativas à problemática fálica, faremos referência a algumas considerações lacanianas sobre o tema.

No entanto, cabe ressaltar que não abandonaremos a obra freudiana. No texto *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*⁸, de 1925, fica evidenciada a busca de Freud por relacionar as fases da descoberta sexual infantil com o paradoxo estabelecido entre ter ou não ter o *falo*. Neste momento, o falo está representado imaginariamente pelo pênis e pelo clitóris, como partes do corpo que denunciam a possibilidade ativa da busca pelo prazer corporal.

Nesta descoberta corporal tanto a menina como o menino buscam estratégias para se organizar. Embora os complexos de Édipo e de castração ocorram com vicissitudes e desfechos psíquicos diferentes, esta experiência interfere na subjetividade de ambos. Dessa forma, na fase fálica, representada por descobertas sexuais de grande importância, não se trata apenas de um evento unicamente corporal, mas principalmente do psiquismo, da construção da singularidade de cada sujeito.

Para Freud, o entendimento entre mãe e filha, iniciado na infância, é da maior importância para a compreensão do feminino. Isso é admitido por ele no texto: *A*

⁸ Texto encontrado nas obras completas de Freud no volume XIX, p. 309.

Feminilidade (FREUD, 1933/1976, p. 139), quando reconhece ter negligenciado durante muito tempo esta questão, por desconhecimento e pelo fato de não ter a clareza de quão complexo é este vínculo. Freud indica, nos parece, que sua própria masculinidade o impediu de olhar de maneira mais sofisticada para a fase mais significativa do desenvolvimento infantil para as meninas.

No caso da menina, é difícil desvincular as noções de falo/pênis, pois ela imagina que, se a mãe não é portadora, alguém deve ser. Sobre a fantasia feminina, Freud irá desenvolver um raciocínio que será amplamente discutido na conferência já citada: *A feminilidade*. Este trabalho voltará a salientar que o desenvolvimento psíquico de ambos os sexos é similar na tenra infância, mais tarde, cada um tomará rumos diferentes. Dessa forma, tanto meninos quanto meninas apresentam os mesmos graus de agressividade e curiosidade na primeira infância, sendo que, no decorrer de seus desenvolvimentos, algo se complica para a mulher.

Durante o Complexo de Édipo, encontramos a criança ternamente ligada ao genitor do sexo oposto, ao passo que seu relacionamento com o do seu próprio sexo é predominantemente hostil. No caso do menino, isso não é difícil de explicar, seu primeiro objeto amoroso foi a mãe e continuará sendo. Com a intensificação de seus desejos, seu pai está fadado a se tornar seu rival. Com a menina, é diferente, o objeto inicial será o mesmo, a mãe, e a dificuldade estará em reverter esta escolha. Nossa perspectiva de estudo é compreender o caminho que ela fará para chegar até o pai. Isto é, como ela se desligará da mãe. A relação de amor transformando-se numa relação de inimizade não nos parece uma resposta suficiente. Freud nos diz:

Há muito tempo compreendemos que o desenvolvimento da sexualidade feminina é complicado pelo fato de a menina ter a tarefa de abandonar o que originalmente constituiu sua principal zona genital — o clitóris — em favor de outra, nova, a vagina. Agora, no entanto, parece-nos que existe uma segunda alteração da mesma espécie, que não é menos característica e importante para o desenvolvimento da mulher: a troca de seu objeto original — a mãe — pelo pai. A maneira pela qual essas duas tarefas estão mutuamente vinculadas ainda não nos é clara. (FREUD, 1931/1974, p. 259)

Freud, nesse texto, aponta dois trabalhos extras no caminho da aquisição da feminilidade: no primeiro trata-se do deslocamento da zona de prazer (do clitóris para a vagina ou do fálico para genital), e o segundo, trata-se do abandono da mãe como objeto de amor. Segundo Freud, o verdadeiro responsável pelo rompimento da menina com sua mãe, é o que ficará como consequência do complexo de castração. Diante da

constatação da diferença anatômica entre os sexos, a menina percebe a mãe como desprovida de pênis, e a culpa por não ter lhe dado um.

Regida pela *inveja do pênis*, a menina passa, então, a sustentar a ideia de querer possuir algo que venha substituir o pênis. Ela volta sua atenção ao pai com o intuito que ele lhe dê o que sua mãe lhe negou. Pois o pai é portador do objeto desejado. Surge, então, a equivalência simbólica entre o pênis e o filho.

Os efeitos do complexo de castração na mulher são inteiramente diferentes, no menino isso aparece como medo de perder o órgão precioso, seu pênis. Medo que lhe privem, assim como aconteceu com a mãe. A menina reconhece o fato de sua castração, e, com isto, também reconhecerá a superioridade do homem e, conseqüentemente, a sua própria inferioridade. Entretanto, ela se rebela contra esse estado de coisas indesejáveis. Dessa atitude, dividida, abrem-se três linhas de desenvolvimento. A primeira leva a uma revolução geral na sexualidade. A menina, assustada pela comparação com os meninos, cresce insatisfeita com seu clitóris, abandona sua atividade fálica e, com ela, sua sexualidade em geral.

A segunda linha a leva a se aferrar com desafiadora até uma idade tardia, aferrando-se à esperança de conseguir um pênis em alguma ocasião. Essa esperança torna-se o objetivo de sua vida e a fantasia de ser um homem frequentemente persiste como fator formativo por longos períodos. Esse *complexo de masculinidade* nas mulheres pode também resultar numa escolha de objeto homossexual manifesta.

Se o seu desenvolvimento seguir o terceiro caminho, muito indireto, ela atingirá a atitude feminina normal final, tomando o pai como objeto, encontrando, assim, o caminho para a forma feminina do Complexo de Édipo. Essa formulação dos caminhos possíveis para a mulher diante de sua sexualidade encontra adeptos na atualidade.

Assim, nas mulheres, o complexo de Édipo constitui o resultado final de um desenvolvimento bastante demorado. Ele não é destruído, mas criado pela influência da castração; foge às influências fortemente hostis que, no homem, tiveram efeito destrutivo sobre ele e, na verdade, com muita frequência, de modo algum é superado pela mulher. Por essa razão, também, nela as conseqüências culturais de sua dissolução são menores e menos importantes. Provavelmente não estaríamos errados em dizer que é essa diferença na relação recíproca entre o Complexo de Édipo e o de castração que dá seu cunho especial ao caráter das mulheres como seres sociais. (FREUD, 1931/1974, p. 264)

Como vimos nessa elaboração de Freud, a menina, sob a influência da inveja do pênis, desistiria de seu prazer clitoridiano (fálico) proveniente da masturbação, repudiando a mãe (anteriormente vista como fálica) e inibindo suas

inclinações sexuais, de modo geral. Ao abandonar o ato masturbatório, a passividade passa a reger suas atitudes, fazendo-a voltar-se para o pai, preparando assim o caminho para a feminilidade. Quando a menina descobre sua própria deficiência, isto é, que não possui o pênis, ao ver um órgão genital masculino, é apenas com muita hesitação e relutância que aceita esse desagradável conhecimento. Ela aferra-se obstinadamente à expectativa de que um dia também terá um órgão genital do mesmo tipo, e seu desejo por isso sobrevive até muito tempo, mesmo após sua esperança ter expirado.

Invariavelmente a criança encara a castração, em primeira instância, como um infortúnio peculiar a ela própria; só mais tarde compreende que ela também se estende a outras crianças e, por fim, a certos adultos. Quando vem a compreender a natureza geral dessa característica, disso decorre a feminilidade — e com ela, naturalmente, sua mãe — sofrer uma grande depreciação a seus olhos. (FREUD, 1931/1974, p. 268)

Posteriormente, segundo Freud, o desejo do pênis será substituído pelo desejo de um filho, sendo que, após feita esta operação, a mulher entrará no Édipo. Em suma, fica-nos a impressão de que não conseguimos entender as mulheres, a menos que valorizemos essa fase de sua vinculação pré-edipiana à mãe. A resposta é que tais relações se apresentam sob muitas formas diferentes. De vez que elas persistem em todas as três fases da sexualidade infantil, assumindo as características das diversas fases e expressam-se por desejos orais, sádico-anais e fálicos. Esses desejos representam impulsos ativos e também passivos se os relacionamos à diferenciação dos sexos que irá surgir depois.

Nem sempre é fácil precisar uma formulação desses desejos sexuais iniciais; o que mais claramente se expressa é um desejo da menina, de ter da mãe um filho, e o desejo correspondente de ela mesma ter um filho — ambos desejos pertencentes ao período fálico e certamente surpreendentes, porém estabelecidos, acima de qualquer dúvida, pela observação analítica. (FREUD, 1933/1976, p. 148)

Assim, a entrada no Édipo apresenta-se como um caminho trabalhoso e difícil, mesmo que seu início seja postergado, diante da determinação da mulher em manter-se na ilusão da aquisição fálica. Castração no homem aponta para a finalização do Édipo, com o abandono da mãe como objeto de amor; ele tem o caminho aberto para o desenvolvimento de sua sexualidade, pois não há necessidade de fazer o deslocamento do prazer sexual e nem inverter o objeto desejado, este é o grande complicador da vida das mulheres.

Foi uma surpresa, no entanto, constatar, na análise, que as meninas responsabilizam sua mãe pela falta de pênis nelas e não perdoam por terem sido, desse modo, colocadas em desvantagem. Como vêm, atribuímos às mulheres um complexo de castração. E por boas razões o fazemos, embora seu conteúdo não possa ser o mesmo que

o dos meninos. Nestes, o complexo de castração surge depois de haverem constatado, à vista dos genitais femininos, que o órgão, que tanto valorizam, não acompanha necessariamente o corpo. Nisto, acodem à lembrança do menino as ameaças que provocou contra si, ao brincar com esse órgão; começa a dar crédito a elas, e cai sob a influência do temor de castração, que será a mais poderosa força motriz do seu desenvolvimento subsequente (FREUD, 1933/1974, p. 153).

No caso da menina, o que ocorre é a própria recusa da constatação indesejada, fazendo com que ela retorne à masculinidade da tenra infância, época na qual a diferença anatômica sexual era ignorada. A constatação da diferença entre os sexos deixará marcas na vida desta menina, no seu desenvolvimento e na formação de seu caráter. Muitas vezes, não serão superadas, sequer nos casos mais favoráveis, sem um extremo dispêndio de energia psíquica e sofrimento. E Freud comenta: *O fato de a menina reconhecer que lhe falta o pênis, não implica, absolutamente, que ela se submeta a tal fato com facilidade (Ibid. p.154).*

As possíveis saídas para a mulher ante o Complexo de Édipo e as três potenciais linhas de desenvolvimento são estas:

- 1- Inibição sexual ou à neurose,
- 2- Complexo de masculinidade,
- 3- Feminilidade normal.

O conteúdo essencial da primeira é o seguinte: a menininha viveu, até então, de modo masculino, conseguiu obter prazer na excitação do seu clitóris e manteve essa atividade em relação a seus desejos sexuais dirigidos à mãe, os quais, muitas vezes, são ativos. Devido à influência da inveja do pênis, ela perde o prazer que obtinha da sua sexualidade fálica. Segundo Freud, a menina, ao comparar seu corpo com o do menino, tem seu amor próprio abalado e modificado, e, como consequência, renuncia à satisfação masturbatória derivada do clitóris, repudia seu amor pela mãe e, ao mesmo tempo, não muito raro, reprime uma parte de suas inclinações sexuais em geral.

Seu afastamento da mãe, sem dúvida, não se dá de uma só vez, pois, no início, a menina considera sua castração como um infortúnio individual, e somente aos poucos estende-se a outras mulheres e, por fim, também à sua mãe. Seu amor estava dirigido à sua mãe fálica; com a descoberta de que sua mãe é castrada, torna-se possível abandoná-la como objeto, de modo que os motivos de hostilidade, que há muito se vinham acumulando, assumem o domínio da situação. Isso significa, portanto, que, como resultado da descoberta da falta de pênis nas mulheres, estas são rebaixadas de valor pela menina, assim como depois o são pelos meninos, e posteriormente, talvez, pelos homens. (Ibid. p.156).

A constatação da castração da mãe é fundamental para o abandono desse objeto amoroso, entretanto não a fará necessariamente dirigir sua sexualidade a uma vida normal. Neste momento na vida sexual da menina, segundo Freud, ela se tornaria neurótica ou inibida.

Trataremos agora da segunda possível saída. Se a inveja do pênis suscitou um poderoso impulso contra a masturbação clitoridiana, e esta, não obstante, se recusa a desaparecer, trava-se uma violenta luta pela liberação, na qual a própria menina assume, por assim dizer, o papel de sua mãe deposta e dá expressão a toda a sua insatisfação com seu clitóris inferior. A saída pela masculinidade, como nos indica Freud, é uma aposta na masturbação, quer dizer, evitar a afluência à feminilidade, que abriria o caminho à feminilidade. Freud nos esclarece que o homossexualismo feminino não tem uma relação direta com esta saída. Não se trata da continuação da masculinidade infantil.

O abandono e a renúncia da prática masturbatória conduzem a menina a um terceiro momento em que predomina a passividade: paralelamente ao abandono da masturbação clitoridiana, renuncia-se a uma determinada soma de atividade. Com o domínio da passividade, a menina pode voltar-se para seu pai, e isso se realiza com a presença e o auxílio dos impulsos instintuais passivos. Se, no decurso desse desenvolvimento, não se perdem demasiados elementos pela repressão, essa feminilidade pode vir a ser normal.

O desejo que leva a menina a voltar-se para seu pai é, sem dúvida, originalmente o desejo de possuir o pênis que a mãe lhe recusou e que agora espera obter de seu pai. No entanto, a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê, isto é, se um bebê assume o lugar do pênis, consoante uma primitiva equivalência simbólica. (Ibid. p. 157).

A saída simbólica da menina é a maternidade, que conduz a mulher à feminilidade normal. Como consequência desse desfecho, o *Complexo de Castração* terá um efeito distinto na menina e no menino, como vimos nestes últimos parágrafos. Para o menino o *Complexo de Édipo* evolui naturalmente na fase de sexualidade fálica e será a ameaça de castração, que o impelirá a tomar uma atitude desafiadora ante a autoridade paterna. Sob a impressão do perigo de perder o pênis, o *Complexo de Édipo* é abandonado, reprimido e, na maioria dos casos, inteiramente destruído; entretanto, um severo superego instala-se como seu herdeiro.

O que acontece à menina é quase o oposto, o complexo de castração irá prepará-la para o *Complexo de Édipo*, em vez de destruí-lo; a menina é forçada a abandonar sua ligação com a mãe, pela influência de sua inveja do pênis, e encontra na situação edipiana o seu refúgio.

As meninas permanecem nele por um tempo indeterminado; destroem-no tardiamente e, ainda assim, de modo incompleto. Nessas circunstâncias, a formação do superego deve sofrer um prejuízo; não consegue atingir a intensidade e a independência, as quais lhe conferem sua importância cultural, e as feministas não gostam quando lhes assinalamos os efeitos desse fator sobre o caráter feminino em geral. (Ibid. p.159)

Apesar de haver escrito e explicado o que ocorreria no desenvolvimento da feminilidade, Freud concorda que seus conhecimentos são insuficientes para esclarecer o que acontece com a mulher. Surge pela primeira vez o termo que ficará marcado na história da psicanálise e que nos motiva na elaboração desta dissertação – a mulher como um enigma – Vejamos a citação:

Muito frequentemente ocorrem regressões às fixações das fases pré-edipianas; no transcorrer da vida de algumas mulheres existe uma repetida alternância entre períodos em que ora a masculinidade, ora a feminilidade, predominam. Determinada parte disso que nós, homens, chamamos de ‘o enigma da mulher’, pode, talvez, derivar-se dessa expressão da bissexualidade na vida da mulher. (Ibid. p. 161)

Freud termina essa conferência afirmando que seu estudo sobre a feminilidade com certeza está incompleto e fragmentado. No seu texto *Análise terminável e interminável*⁹ (FREUD, 1937/1975, p. 287) volta a falar sobre a feminilidade. Afirma que dois temas são permanentes e são fontes de muito trabalho nas análises. Do lado masculino, a luta contra a sua atitude passiva ou feminina para com outro homem, e na mulher, a inveja do pênis na reivindicação para possuir, simbolicamente, um órgão genital masculino.

⁹Freud neste texto, ele explica: *A importância suprema desses dois temas – nas mulheres, o desejo de um pênis, e, nos homens, a luta contra a passividade – não escapou à Ferencz...transformou num requisito que, em toda análise bem sucedida, esses dois complexos tivessem sido dominados. Ao que ele argumenta dizendo: Em nenhum ponto de nosso trabalho analítico se sofre mais da sensação opressiva de que todos os nossos repetidos esforços foram em vão, e da suspeita que estamos “pregando ao vento”, do que quando estamos tentando persuadir uma mulher a abandonar seu desejo de um pênis, com fundamento de que é irrealizável...(FREUD, 1937/1980, p.286). Mais adiante, ainda neste texto ele afirma: Nenhuma transferência análoga pode surgir do desejo da mulher por um pênis, mas esse desejo é fonte de irrupções de grave depressão nela. Finalizando este artigo, ele escreve: O repúdio à feminilidade pode ser nada mais do que um fato biológico, uma parte do grande enigma do sexo. Seria difícil dizer se e quando conseguimos êxito em dominar este fato num tratamento analítico. Só podemos nos consolar-nos com a certeza de que demos à pessoa analisada todo o incentivo possível para reexaminar e alterar sua atitude para com ele.*

Pretendemos, neste ponto, destacar a importância de Lacan, que retorna a este tema e no seu *Seminário livro 4 – A relação de objeto* (LACAN, 1956/1995, p.133), quando analisa os casos Dora e da Jovem Homossexual. Ele nos conduz a elaborar o que ele denomina os três tempos da subjetividade. Neste mesmo Seminário, Lacan elabora seu *esquema L* criando, assim, a função simbólica do Édipo, mais além de sua vertente imaginária. A partir de sua consideração acerca do pai, ele interpreta o Édipo freudiano mais além de seu estatuto imaginário, transformando, desta forma, tanto a mãe quanto o pai em funções simbólicas, distinguindo o pai simbólico do pai da realidade e do pai imaginário. Lacan se inscreve como o avanço na prática analítica ao conceber a função simbólica do pai como fundadora da estrutura subjetiva. Trataremos deste tema no próximo capítulo desta dissertação.

Caberá, finalmente, assinalarmos que Freud centraliza o problema da feminilidade em torno do Complexo de Édipo e a saída proposta por ele à *inveja do pênis*, inscrita na dialética fálica do ter ou não ter o pênis, é a maternidade. Estamos diante do maior impasse de Freud em relação ao feminino, pois ao considerar - ser mãe - a saída do feminino, confunde assim o ser mulher com ser mãe.

CAPÍTULO II: CASO DORA SEGUNDO LACAN.

A proposta deste capítulo é recortar na obra de Lacan, nos seus seminários e nos Escritos, os momentos em que ele retoma o caso clínico Dora e o articula com seus avanços teóricos. É interessante observar que, apesar de apontar os impasses freudianos no que se refere à sexualidade feminina, Lacan tomará, algumas vezes, como referências teóricas para estas críticas, o próprio Freud.

Notas de rodapé foram introduzidas por Freud no *Caso Dora* em momentos diferentes de sua teoria, e, a cada nova elaboração, ele revisava seus estudos sobre o caso, atualizando, acrescentando seus avanços teóricos. Este caso, paradigmático da histeria, mobilizou Freud, apesar de toda sua experiência anterior com pacientes históricas, algumas delas, inclusive, citadas no primeiro capítulo desta dissertação.

A articulação da teoria com a clínica, como no caso Dora, impulsiona o avanço na teoria, e permite evidenciar as dificuldades do estabelecimento dos passos a serem seguidos no processo analítico, como, por exemplo, a transferência. Freud se questiona se ela já havia sido estabelecida, apesar de ela estar evidente no papel

metonímico da fumaça¹⁰, essa fazia alusão ao analista que durante as sessões fumava seu charuto, exalando fumaça possivelmente relacionada ao incêndio presente em um dos sonhos de Dora.

Outro fator apontado por Lacan é o excesso de consistência dado por Freud à sua figura de analista. Seus valores se evidenciam na condução do caso, ele não consegue permanecer transparente no processo analítico. Por exemplo, ele não se furta de insistir com Dora em fazê-la compreender de que estava enamorada do Sr. K. Certeza proveniente de suas convicções pessoais e uma identificação aos dois homens desta situação: o pai de Dora e o Sr. K. Ele não podia acreditar que o fascínio de Dora era dirigido à Sr^a. K, uma mulher, e não a um homem. Assim, tratando de facilitar as elaborações de Dora com suas explicações, Freud não percebe que elas não tiveram o alcance almejado, culminando com o anúncio de sua desistência da continuidade da análise.

Neste capítulo acompanharemos a condução do tema, segundo a visão de Freud e Lacan do *Caso Dora*, esse caso contém a descrição de uma sintomatologia específica da neurose histérica e ao mesmo tempo evidencia a preservação de toda a singularidade do sujeito, focalizando as dificuldades relativas à sexualidade feminina.

As elaborações de Lacan sobre *Caso Dora*¹¹ presentes nos seus comentários ao longo de quase duas décadas, tanto em suas explicações teóricas como nos seus avanços na condução do tratamento, beneficiados principalmente por suas articulações com a clínica. Ainda neste capítulo, iremos abordar as consequências para a psicanálise do tema proposto nessa dissertação. Com Lacan, nós somos levados para além da questão: *o que quer uma mulher?* Isto é, a psicanálise é convocada para uma zona cujas hipóteses sobre o gozo feminino transformam a psicanálise numa ética sustentada na singularidade.

2.1. INTERVENÇÕES SOBRE A TRANSFERÊNCIA.

A primeira vez em que Lacan aborda o *Caso Dora* encontra-se publicada em *Escritos* sob o título - *Intervenções sobre a transferência*¹², um texto proferido no Congresso de Línguas Românicas (LACAN, 1951/1998, p.214). Já no início ele nos diz:

¹⁰ O primeiro sonho de Dora encontra-se transcrito na página 36 desta dissertação.

¹¹(FREUD, 1905/2005, p.15),

¹²Este texto está publicado nos *Escritos* e traz a dialética hegeliana para dialogar.

Numa psicanálise, com efeito, o sujeito propriamente dito, constitui-se por um discurso em que a simples presença do psicanalista introduz, antes de qualquer intervenção, a dimensão do diálogo. Mesmo que este diálogo pareça sem coerência, trata-se de um artifício da regra para a condução do tratamento. Ele observa que a psicanálise é uma experiência dialética, e esta noção deve prevalecer quando se formula a questão da natureza da transferência.

Para Lacan, a psicanálise não pode ser reduzida a uma psicologia cuja meta seria a objetivação de certas propriedades do indivíduo. Ele a retira do âmbito empirista, propondo um curso dialético para a sua direção. É nessa perspectiva que se deve considerar o: *repensando a obra de Freud* (Ibid. p.216), básica em sua primeira clínica. Apresentamos aqui as considerações de Lacan sobre a direção do tratamento psicanalítico de Dora como uma experiência dialética. Mesmo que a ênfase nas concepções hegelianas¹³ tenha sido posteriormente superada, não deixa de ser interessante refletir sobre a concepção da direção do tratamento impressa por ele em sua primeira clínica, à luz das escansões da verdade em seus diversos níveis.

Ao fazer sua formulação, ele utilizará um recurso clínico, o *Caso Dora*, para ilustrar o que está transmitindo sobre a transferência. Ele comenta:

... eu me permitirei, primeiro, alguns comentários que me parecem urgentes para a atual direção de nossos esforços de elaboração teórica, e isso na medida em que eles dizem respeito às responsabilidades a nós conferidas pelo momento em que estamos vivendo, não menos do que pela tradição de que somos guardiões (LACAN, 1951/1998, p.215).

Um dos principais pontos nesse pronunciamento é quando ele sustenta a responsabilidade assumida por Freud em nos mostrar *que existem doenças que falam, e*

¹³Segundo Hegel, o homem se constitui pela negação do *natural*, não há continuidade entre o homem e a natureza, uma vez que, entre ambos, se interpõe a linguagem. A dialética é própria da natureza do pensamento, um processo da própria verdade um processo cuja forma é *dialética*. Portanto, há uma afirmação inicial, mas isso que é dito, por ser vazio e indeterminado, nega-se a si próprio. Trata-se de uma contradição, pois existe uma negação na afirmação. O segundo momento do processo constitui a explicação do negativo desse positivo.

A contradição está implícita na tese, e a antítese não faz mais do que explicitá-la, quer dizer, põe a mostra essa contradição visando à superação desta, e, portanto, o elemento impulsionador por meio do qual se pode atingir a síntese, que é a revelação do fundamento.

Para Hegel, a síntese seria o ponto ideal buscado pelo homem onde a falta é eliminada e o sujeito transitará de verdade em verdade através de saberes. Para ele, o verdadeiro saber está ligado à experiência, é um processo, no curso do tempo, em que o saber aparece e expulsa a não verdade. Portanto, transitando de verdade em verdade, a consciência dá um salto dialético – *Aufhebung*– visando, finalmente, o *Saber absoluto*. (HEGEL, Fenomenologia do espírito. 4 editora, Rio de Janeiro: Vozes, 2006. P. 81-82)

de nos fazer ouvir a verdade do que elas falam... Ele propõe repensar a obra de Freud para reencontrar o autêntico sentido de sua iniciativa.

Nesse momento de suas elaborações teóricas, a psicanálise é para Lacan uma experiência dialética e o *Caso Dora* presta-se de forma perfeita para demonstrar como se opera a verdade, por uma sequência à qual ele nomeia de *Reversões Dialéticas*. Apresentaremos a seguir como Lacan desenvolve nesse texto os desdobramentos dialéticos e nos demonstra, por meio do *Caso Dora*, que o verdadeiro objeto de interesse e de amor na histeria é, antes de tudo, a outra mulher, que faz enigma do ser feminino e interroga o desejo do homem. Portanto, não se tratava de seu amor ao Sr. K, representante do pai edípico.

*Um primeiro desenvolvimento da verdade: ... Com efeito, depois de colocar Freud à prova, isto é, de se assegurar de que podia confiar nele, irá ele (Freud) mostrar-se tão hipócrita quanto o personagem paterno?, Dora entrega-se a seu requisitório, abrindo um dossiê de lembranças cujo rigor contrasta com a imprecisão própria da neurose. (Ibid. p.217). Relata a ligação entre seu pai e a Sr^a. K, que são amantes faz muito tempo e ela é oferecida como moeda de troca ao Sr. K, para que tudo funcione sem problemas. Como vemos nesta passagem de Freud: *Quando ficava com o ânimo mais exasperado, impunha-se a ela a concepção de ter sido entregue ao Sr. K. como prêmio pela tolerância dele para com as relações entre sua mulher e o pai de Dora; e por trás da ternura desta pelo pai podia-se pressentir sua fúria por ser usada dessa maneira. (FREUD, 1905/2006, p.42)**

Dora sente-se objeto de uma troca odiosa. Seu pai fecha os olhos, fingindo não perceber as investidas do Sr. K. Ela questiona Freud: *Esses fatos estão aí, dizem respeito à realidade, e não a mim mesma. O que o senhor quer mudar nisso aí? (LACAN, 1951/1998, p.218). Ao que ele responde mediante uma primeira inversão dialética, quando lhe propõe que verifique a participação que ela toma nos transtornos de que se queixa: *Veja, qual é a sua própria parte na desordem de que se queixa? (Ibid. p.218)**

Lacan aponta neste ponto uma mudança dialética, quer dizer, *um segundo desenvolvimento da verdade: foi não apenas pelo silêncio, mas pela cumplicidade da própria Dora, e mais ainda sob sua proteção vigilante, que pôde perdurar a ficção que permitiu à relação dos dois amantes prosseguir (LACAN, 1951/1998, p. 218). Lacan destaca o momento em que Dora reconhece que foi sua participação e conivência que permitiram o prosseguimento da relação entre os dois amantes. Fica explícito no texto*

de Freud quando ela descreve a troca dos presentes: *O pai começara também a dar grandes presentes à Sr^a. K. e, para disfarçá-los, tornou-se ao mesmo tempo particularmente generoso com a mãe de Dora e com ela própria* (FREUD, 1905/2006, p.42). É interessante destacar como esta situação é trabalhada por Freud no processo analítico, e depois pinçado por Lacan dos textos dele. O que ocorre é que Dora se deu conta da verdade que estava em jogo, no momento em que percebe que as joias presenteadas são parecidas com as que ela recebera do pai, sua cumplicidade esteve presente no calar-se. Na fala dirigida ao analista quando lhe ocorre esta recordação, é um momento em que a verdade fulgurante se faz presente.

Lacan comenta: *Ao mesmo tempo, a relação edipiana revela-se constituída em Dora por uma identificação com o pai, favorecida pela impotência sexual* (LACAN, 1951/1998, p.219). E Acrescenta que essa impotência seria experimentada por Dora como idêntica à prevalência de sua posição de riqueza (fortuna) e sublinha uma alusão inconsciente possibilitada pela semântica da palavra fortuna em alemão: *Vermögen*. Essa identificação ao pai se traduz pelos sintomas de conversão e sua interpretação dá início à eliminação de um grande número deles.

Mas, então, o que significaria o ciúme repentino de Dora em relação a seu pai? Neste ponto Lacan nos apresenta *a segunda inversão dialética* efetuada por Freud na observação de que: *ali, não é realmente o pretense objeto do ciúmes que constitui seu verdadeiro motivo, mas que ele mascara um interesse pela pessoa do sujeito-rival, interesse este cuja natureza, muito menos assimilável no discurso comum, só pode se exprimir dessa forma invertida* (Ibid. p.219). Começa então a surgir um desdobramento desta dialética com o: *terceiro desenvolvimento da verdade*. O fascinado apego de Dora pela Sr^a. K (de quem ela exalta a brancura encantadora do corpo), *suas confidências recíprocas e a troca de amabilidade entre as duas como embaixatrizes mútuas de seus desejos junto ao pai de Dora*, descreve Lacan ainda nesse texto.

Freud percebeu uma questão que o leva a um novo desdobramento da verdade: *Se esta mulher, que você sente tão amargamente estar despossuída, como não lhe querer mal por esse acréscimo de traição, por ter sido dela que partiram as imputações de intriga e perversidade em que agora todos se aliam para acusar você de uma mentira?*¹⁴ Como é possível que Dora não pareça ressentida com a Sr^a. K que, no entanto, traiu-a, denunciando suas leituras? Freud estava tão certo do amor de Dora pelo

¹⁴Esse comentário é feito por Freud e encontra-se na transcrição do Caso Dora.

Sr. K, que não pôde perceber que ela seguia encantada com a Sr^a. K. deixando escapar o valor real desta representação. Nas palavras de Lacan: *Neste ponto, somos levados à uma terceira inversão dialética que revelaria: o valor real do objeto que é a Sr^a. K para Dora. Isto é, não o de um indivíduo, mas o de um mistério, o mistério de sua própria feminilidade, quer dizer, de sua própria feminilidade corporal* (Ibid. p. 220).

Este é o primeiro impasse de Freud: ele não questiona Dora sobre o que é a Sr^a. K para ela, ele não considera importante este ponto, pois acreditava que Dora estava enamorada do marido daquela e insiste neste ponto. Para sustentar essa hipótese, ele faz uma breve alusão aos sonhos de Dora, ambos relatados a Freud, que trata de investigá-los minuciosamente explicitando os significados destes a ela. A hipótese desenvolvida neste momento por Lacan é que o segundo sonho de Dora¹⁵ simplificaria a elaboração do caso, juntamente com a lembrança de sua primeira infância, à qual ele atribuirá uma significativa importância, isto é, a identificação primeira de Dora com seu irmão mais velho, quer dizer, como semelhante, o pequeno outro da identificação especular, objeto de desejo da mãe, tendo um valor libidinal, fálico para ela. Sendo assim, esse irmão havia ocupado o lugar de *Eu Ideal*, objeto de identificação imaginária para Dora, lugar depois herdado pelo Sr. K:

Parece que temos aí a matriz imaginária em que vieram desaguar todas as situações que Dora desenvolveu em sua vida – verdadeira ilustração da teoria, ainda por surgir em Freud, do automatismo de repetição. Por aí, podemos tirar a medida do que agora significa para ela a mulher e o homem. (LACAN, 1951/1998, p 220).

Vemos surgir conceitos estruturados a partir da prática clínica: as relações imaginárias e o automatismo de repetição. Ambos presentes nas manifestações sintomáticas da doença, presentes nas escolhas semelhantes, nas suas ligeiras metonímias, alterações nas aparências dos mesmos sintomas, das mesmas escolhas e a permanência no mesmo discurso¹⁶.

Para firmar essa questão da relação entre os semelhantes é preciso recorrer ao matema lacaniano denominado esquema L¹⁷, em que o eixo imaginário esclarece de

¹⁵ O segundo sonho de Dora encontra-se na página 38 desta dissertação.

¹⁶ Caberia afirmar que em 1951 quando Lacan apresenta esta elaboração teórica sobre o Caso Dora, não havia, estabelecido os quatro discursos, pois eles só serão formalizados no *Seminário 17, O avesso da Psicanálise*, em 1967.

¹⁷ O Esquema L desenha o eixo imaginário presente na relação entre o sujeito, representado pela letra a (moi) e no outro lado, encontramos o parceiro e semelhante representado pelo a'. Semelhante que se revela por vezes o rival e em outras o parceiro amoroso, o objeto erotômico. Este eixo é cortado pelo o

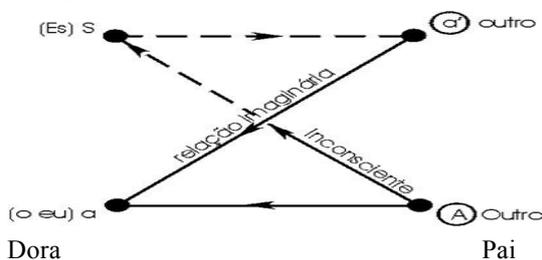
forma precisa a representação da relação entre semelhantes. O que nos faz compreender a relação imaginária entre Dora e seu irmão.

Lacan defende nesse texto que a mulher é o objeto impossível de separar de um desejo oral primitivo, e no qual é preciso, que ela aprenda a reconhecer sua natureza genital. Isso ficará mais claro para nós, quando abordarmos outro texto neste estudo¹⁸. Ao relacionar as afonias de Dora, Lacan prefere a percepção que exprime o violento apelo da pulsão erótica oral no *enfim sóis* com a Sr^a. K. Para ter acesso *ao reconhecimento de sua feminilidade, seria necessário realizar a assunção de seu próprio corpo, sem isto, ela estará exposta ao despedaçamento funcional, que constitui os sintomas de conversão*¹⁹(Ibid. p.221).

Isso significaria efetivar a condição de acesso a sua imagem especular, alienante por excelência, mas indispensável como alicerce da imagem do corpo (moi)²⁰, constituída sobre este pequeno outro, no caso Dora, seu irmão. É esta imagem masculina que lhe servirá de eu ideal. *Dora identificou-se com o Sr. K tal como vai se*

que se imporá como a lei, representando o sim e o não, o possível e o impossível, isto é, a transmutação do objeto pela palavra, pelo significante, sua metaforização, a presença do simbólico. Trazendo consigo uma mudança na posição subjetiva do sujeito agora portador desta verdade, representado pelo S (Je), Vemos aqui o esquema L segundo a posição clínica do caso Dora:

Sr^a. K. Sr. K.



Elementos do esquema:

S = Es, Isso, sujeito do inconsciente. Sujeito do inconsciente deve ser lido na função genitiva de que o inconsciente tem a posse do sujeito. É sujeito no sentido de sujeitado. É sujeitado de forma psicótica, perversa ou neurótica. Sr^a. K..

a' = O outro, o semelhante em posição de objeto que é uma projeção do eu do conhecimento. Como me conheço através das imagens que faço de mim, enunciando: - *Eu sou DORA*

a = O eu da experiência, onde o eu que enuncia se vê a si mesmo, o falante, o que sustenta o enunciado: - *Eu... Sr. K.*

A = Outro. A alteridade radical do tesouro dos significantes. PAI. (RAMOS, M.F.F., *As estabilizações na Psicose Paranóica*, monografia da Especialização Saúde mental, Psicopatologia e Psicanálise. PUCPR, Curitiba, 2002).

¹⁸As flutuações da libido (LACAN, J - Seminário livro 1, p. 204).

¹⁹Esta expressão, despedaçamento funcional, nos remete a outro, o Estádio do Espelho, uma grande contribuição teórica para explicar como se organiza o sujeito na sua imagem refletida no outro, como espelho.

²⁰(moi), articulação teórica do eu como imagem alienante na acepção lacaniana do eu.

identificando com Freud (o fato de ter sido ao despertar do sonho “transferencial” que ela percebe o cheiro de fumaça pertencente aos dois homens). Trata-se aqui de uma referência ao primeiro sonho de Dora, que traz as recordações relacionadas ao cheiro de fumaça, associados a Freud e ao Sr. K. ambos fumantes.

Entretanto, coloca-se aqui uma questão: será que Dora aceita a si mesma como objeto de desejo? O grande problema das mulheres em todas as épocas é se aceitar como objeto de desejo do homem, nos diz Lacan:

...e é este o mistério, para Dora, que motiva sua idolatria pela Sr^a. K., do mesmo modo que, em suas longa meditação diante da Madona e em seu recurso ao adorador distante...ela a empurra para a solução que o cristianismo deu a esse impasse subjetivo, fazendo da mulher o objeto de um desejo divino ou um objeto transcendental do desejo, que dá no mesmo. (LACAN, 1951/1998, p.221)

Freud construiu todo o instrumental teórico em sua prática clínica com as históricas, o que permitiu a Lacan avançar no entendimento da neurose histérica, em particular no caso que vem sendo comentado. Com Lacan podemos supor que, se Freud continuasse na prática das intervenções dialéticas e interrogasse a relação de Dora com a Sr^a. K, ele tocaria num ponto da verdade do feminino do sujeito histérico, que vê na outra, o ideal da mulher, capaz de ser amada e desejada pelo homem. Se ao ouvir Dora falar do seu fascínio pela Sr^a. K, por exemplo, da brancura de sua pele, ele tivesse investigado os afetos que a ligava a esta mulher, teria obtido dela uma resposta mais próxima do núcleo da histeria. Não somente localizando toda a problemática da histeria na relação com o pai, do amor a este pai, na identificação e rivalidade com o homem, ele teria adentrado no universo do que ele mesmo chamou de *continente negro*.

Aprendemos ainda por meio do caso, sobre como o resgate do sujeito masculino como imagem de seu pai impõe uma questão ao sujeito histérico: como assumir um corpo próprio como mulher? É aí que entraria o valor da Sr^a. K possibilitando a ela, por intermédio da Sr^a. K, lançar-se no mistério de sua própria feminilidade, não resolvida. Se Freud tivesse orientado nesse momento Dora para uma retificação do que a Sr^a. K. significava para ela, poderia obter a confissão dos segredos da relação entre as duas mulheres. Entretanto, esta falha foi fatal para o tratamento. Freud atribui à ação da transferência o erro que o fez adiar a interpretação. Freud traz esta reflexão:

O que são as transferências? São reedições, reproduções das moções e fantasias que, durante o avanço da análise, soem despertar-se e tornar-se conscientes, mas

com a característica (própria do gênero) de substituir uma pessoa anterior pela pessoa do médico. ... simples reimpressões, reedições inalteradas...O tratamento psicanalítico não cria a transferência, mas simplesmente a revela, como a tantas outras coisas ocultas na vida anímica...

Não consegui dominar a tempo a transferência; graças à solicitude com que Dora punha à minha disposição no tratamento uma parte do material patogênico, esqueci a precaução de estar atento aos primeiros sinais da transferência que se preparava com outra parte do mesmo material, ainda ignorada por mim. (FREUD, 1905/2006 p.113)

Essa falha de Freud foi fatal para o tratamento; entretanto, qual partido devemos tomar? Indaga-nos Lacan. Ele constata:

Freud reconhece que durante muito tempo, não pode deparar com essa tendência homossexual (que no entanto, ele nos diz ser tão constante nas histéricas que seria impossível exagerar nelas o seu papel subjetivo) sem cair num desarvoramento que o tornava incapaz de agir quanto a este ponto, de maneira satisfatória (LACAN, 1951/1998, p.222).

Ora, seria necessário que Freud pudesse separar sua simpatia pelo Sr. K, um conhecido de longa data que encaminhou o pai de Dora para tratamento, pois ele apostava na vitória do amor. Quanto à posição de Freud no tocante a Dora, dirá Lacan:

...sua participação pessoal no interesse que ela lhe inspira é confessada em muitos pontos do relato de caso... ela o faz vibrar com um frêmito que, transpondo as digressões teóricas, eleva este texto, entre as monografias psicopatológicas que constituem um gênero em nossa literatura, ao tom de uma Princesa de Clèves²¹ às voltas com uma mordaca infernal. (LACAN, 1951/1998 p.223)

A bofetada de Dora no Sr. K na cena do lago, descrita por Dora durante sua análise com Freud, tem como desfecho o seu afastamento da família K. Como consequência, ela passa a ser tratada por todos como doente. Sua recusa em prosseguir na função de esteio da enfermidade comum a todos, uma grande ironia. O Sr. K. apenas começou a dizer algumas palavras e teve sua recompensa. *Se ela não é nada para você, que é você para mim?* Comenta Dora. A este respeito Lacan dirá:

... a transferência não é nada de real no sujeito, senão o aparecimento, num momento de estagnação da dialética analítica, dos modos permanentes pelos quais ele constitui seus objetos... Sua conclusão aponta para a neutralidade analítica, somente assim é possível obter uma posição dialética pura... A transferência tem sempre o mesmo sentido, de indicar os momentos de errância e também de orientação do analista, o mesmo valor de nos convocar à ordem de nosso papel: um não-agir positivo, com vistas à ortodramatização da subjetividade do paciente. (LACAN, 1951/ 1998, p.225)

²¹Publicado anonimamente em 1678 esse romance é recebido com fervor em toda a Europa, A Princesa de Clèves é considerada uma das obras fundadoras da narrativa literária moderna.

Um das intenções de Lacan ao escrever esse texto é marcar que a transferência não está ligada a um fator afetivo ou qualquer coisa neste sentido. Trata-se de uma questão dialética, de uma produção de saber, algo que promova no sujeito uma mudança e o faça desenvolver uma verdade. Cabe ressaltar que houve uma diminuição dos sintomas de Dora obtida na segunda fase do tratamento e ela se manteve. Foi por haver se colocado no lugar do Sr. K em razão da sua contratransferência, que Freud volta excessivamente ao amor que ele inspiraria à Dora. Para ela, o afeto que sentia pelo Sr. K não era tão relevante e assim, na sessão seguinte, ela se despede de Freud.

2.2. AS FLUTUAÇÕES DA LIBIDO.

Alguns anos mais tarde Lacan volta a citar o caso Dora no texto: *As flutuações da Libido* (LACAN, 1954/1986 p.204). O tema em torno do qual se realizou nesse Seminário o retorno ao Caso Dora foi o de impedir que toda a Psicanálise fosse reduzida a uma análise das resistências. Lacan nos mostra os impasses e equívocos que embaraçaram Freud, e, principalmente, a insistência dos psicanalistas contemporâneos a ele, na perpetuação de conceitos e práticas já ultrapassados para Lacan:

Freud, por certas razões que são igualmente ligadas ao seu ponto de partida errôneo, não interpreta nem mesmo a Dora as manifestações da sua pretensa transferência a seu respeito – o que pelo menos lhe evita de se enganar aqui.. Simplesmente, fala a ela do Sr. K. O que quer dizer? – senão que lhe fala no nível da experiência dos outros. É neste nível que o sujeito tem que reconhecer e fazer reconhecer seus desejos... Freud está dizendo a Dora - A senhora ama o Sr. K. . Acontece que, além disso, o diz de forma bastante desajeitada para que Dora cesse imediatamente. Se naquele momento tivesse iniciado no que se chama análise das resistências, teria feito com que ela por bocadinhos, teria começado a lhe ensinar que tal e tal coisa era nela uma defesa, e, à força, ter-lhe-ia retirado, com efeito, toda uma série de pequenas defesas. (LACAN, 1954/ 1986, p.213)

O desenvolvimento teórico de Lacan encontrava-se diante dos efeitos do imaginário e quais as alternativas que o simbólico poderia trazer para esta dimensão na vida dos sujeitos. Explicitar este ponto da teoria lacaniana faz-se necessário. O plano simbólico ao ligar-se ao plano imaginário faria com que o sujeito pudesse reconhecer seu desejo. Ele explicita:

Com efeito, como vocês vêm, os desejos da criança passam inicialmente pelo outro especular. É aí que são aprovados ou reprovados, aceitos e recusados. E é por aí que a criança faz o aprendizado da ordem simbólica e acede ao seu fundamento, que é a lei (Ibid. p. 207).

O outro especular, isto é, o outro semelhante é quem irá dar esta aceção de lei. Será nesta relação imaginária que o sujeito irá apreender a linguagem. Neste ponto

começa a esboçar a construção do conceito sobre o Eu (moi), para tentar apreender qual é, na análise, a função da palavra. Ele escreve: *A palavra é essa roda de moinho por onde incessantemente o desejo humano se mediatiza, entrando no sistema de linguagem* (Ibid. p. 208). Ora, a construção do Eu exige que a articulação imaginária esteja presente, é a partir da relação imaginária com o outro que o Eu se formará. Há uma diferença que é fundamental na libido. Não se trata apenas da libido primária, a libido cujo objeto é narcísico, isto é, o próprio sujeito é o objeto, mas sim, do objeto que se desloca para fora do sujeito, tornando-se um outro semelhante:

É na medida em que a libido primitiva chega à maturidade que, para empregar o último vocabulário freudiano, a relação à imagem narcísica passa para o plano da Verliebtheit. A imagem narcísica, cativante, alienante no plano imaginário, encontra-se investida da Verliebtheit, que se destaca fenomenologicamente do registro do amor. (Ibid. p.209)

A relação imaginária dá definitivamente os quadros nos quais se farão as flutuações libidinais. Ora, quando dizemos para o paciente falar de forma livre, estamos lhe liberando dos laços, não somente de polidez, de cortesia, mas principalmente da coerência. Desfazemos um certo número de amarras da palavra. Lacan diz que podemos ir mais além – *se considerarmos que há um laço estreito, permanente, entre a maneira pela qual um sujeito se exprime, se faz reconhecer, devemos ver que isso introduz na relação de espelho ao outro uma certa desinserção, uma flutuação, uma possibilidade de oscilação.* (Ibid. p.210)

Introduzi-lo ao seu desejo é o ponto marcado por Lacan nesta etapa de reconhecimento do sujeito na relação com o outro. Essas pequenas oscilações, a técnica nos ensina a ultrapassá-las, a preenche-las e até mesmo reconstruí-las. Ocorre, então, uma relação do sujeito de miragem imaginária consigo mesmo. Entretanto, é importante marcar que o analista tem de estar atento e não cair na tentação que este lugar pode nele operar. Citando Lacan: *Na análise, o ponto em que se focaliza a identificação do sujeito ao nível da imagem narcísica, é o que se chama de transferência.* (Ibid. p. 211).

No caso Dora, como já foi apresentado, a transferência assume um aspecto dialético, e o que se negligencia é a palavra como função de reconhecimento. A palavra é essa dimensão por onde o desejo do sujeito é autenticamente integrado no plano simbólico. E somente quando se formula, se nomeia diante do outro, que o desejo é reconhecido. O fundamental é o reconhecimento do desejo e, voltando ao caso Dora, poderíamos dizer que o que faltou neste ponto, foi o que a Sr^a. K. representava para ela,

qual o desejo que ali estava presente. Não se trata de buscar o que Freud denominou *componente homossexual*, Freud não se percebeu da posição de Dora, de qual era o objeto dela, que o outro dela era a Sr^a. K., comenta Lacan:

Se a análise, ao contrário, tivesse sido conduzida corretamente, o que é que deveria ter acontecido? O que é que teria acontecido se, ao invés de fazer intervir sua palavra no outro, quer dizer, colocar em jogo seu próprio ego com a finalidade de enformar, de modelar Dora, Freud lhe tivesse mostrado que era a Sr^a. K. que ela amava?... Toda história de Dora está nessa oscilação em que ela não sabe se não ama senão a si mesma, sua imagem exaltada na Sr^a. K, ou se deseja a Sr^a. K. (Ibid., p.214)

Freud poderia ter nomeado o desejo de Dora se ele tivesse percebido que o objeto desejado era outro que não o Sr. K, pois é somente neste lugar que o desejo pode ser nomeado, uma intervenção repetida e completa, a *Verliebtheit*, que é desconhecida, quebrada, pode realizar-se.

Lacan conclui: *Se Freud tivesse revelado a Dora que ela se enamorara da Sr^a. K, ela ter-se-ia enamorado efetivamente.* (Ibid. p.214). Não é essa a finalidade da análise, não se trata de uma ortopedia do Ego, ou encontrar na parte sã do paciente um aliado, não foi isto que Freud nos ensinou. Ele nos mostrou que a palavra deve ser encarnada na própria história do sujeito. Se o sujeito permanece preso aos seus sintomas, às suas dificuldades, não há muito o que fazer, o principal caminho a ser tomado numa análise, nos dirá Lacan nesse texto, é o de permitir que o sujeito nomeie seu desejo.

2.3. A DISSOLUÇÃO IMAGINÁRIA.

Os comentários de Lacan no transcurso de seu *Seminário livro 3, As Psicoses* (LACAN, 1956/1985, p.108), nos oferecem um paralelo entre o que acontece com a psicose contrastando com o que ocorre na neurose. Ele toma o exemplo do Caso Dora para exemplificar sua apresentação. Quando falamos de psicose, faz-se necessário esclarecer a relação de objeto no conceito de narcisismo. *Antes de se voltar para os objetos exteriores, haveria uma etapa em que o sujeito toma o próprio corpo como objeto* (Ibid. p.107), eis a primeira definição apresentada por Lacan do conceito de narcisismo.

Sabemos que Dora é uma histérica e a grande dificuldade do seu tratamento foi saber qual era seu verdadeiro objeto de amor. Encontramos esta observação escrita por Lacan:

Freud viu finalmente seu erro, e nos diz que é sem dúvida por ter desconhecido o verdadeiro objeto de amor de Dora que ele fez fracassar toda a transa, e que a cura rompeu-se prematuramente, sem permitir uma resolução suficiente do que estava em questão (Ibid. p. 108).

A grande impossibilidade da paciente foi a de se desvincular do seu pai, seu grande objeto de amor, e finalmente, dirigir-se a outro objeto amoroso. Freud acreditava que ela deveria dirigir este vínculo a outro homem. Entretanto, ambos, tanto Freud como Dora não podiam perceber qual era o seu verdadeiro objeto amoroso, isto é, a Sr^a. K., a amante do seu pai. A mediação do Sr. K. talvez pudesse permitir este descolamento de Dora de sua relação com o pai, marcada por uma grande intensidade, relações profundamente motivadas, de identificação e rivalidade. Completamente oposta à relação com sua mãe, uma personagem apagada e totalmente excluída desta relação entre pai e filha.

O momento fundamental da quebra de toda essa cumplicidade que existia entre os quatro personagens da trama, ocorre quando o Sr. K. pronuncia esta frase fatídica: *Minha mulher não é nada para mim* frase, imediatamente seguida de um comentário de Dora em que podemos perceber sua perplexidade: *Então, o que você pode significar para mim?* Ela os esbofeteia e rompe o equilíbrio da situação. A partir do rompimento dessa situação, ela começa a reivindicar e não concorda mais com a situação, seus argumentos são fortes: seu pai quer prostituí-la entregando-a ao Sr. K em troca da manutenção de suas relações ambíguas com a mulher dele. Uma série de fenômenos começa a aparecer, inclusive alucinatórios, porém, não chega a produzir um delírio. Apesar de estar *na via do inefável, intuitiva, de imputar ao outro hostilidade e má intenção, e isto a respeito de uma situação em que ela participou, da maneira eletiva mais profunda*, comenta Lacan (Ibid. p. 110).

O narcisismo encontra-se no cerne da relação imaginária para a relação inter-humana. Trata-se de uma relação erótica e, portanto, uma identificação. Toda apreensão do outro pela imagem nessa relação de cativação gera uma tensão agressiva. Essa relação agressiva está presente e bem explicada por Lacan na sua concepção do estágio do espelho, tomemos um trecho:

Para isto serve o estágio do espelho, ele põe em evidencia a natureza dessa relação agressiva e o que ela significa. Se a relação agressiva intervém nesta formação chamada o eu, é que ela o constitui, é o que o eu é desde já por si mesmo um outro, que ele se instaura numa dualidade interna ao sujeito. O eu é esse mestre que o sujeito encontra num outro, e que se instaura em sua função de domínio no cerne de si mesmo. Se em toda relação, mesmo erótica, com o outro, há algum eco dessa relação de exclusão, é ele ou eu, é que no plano imaginário, o sujeito humano é assim constituído de forma que o outro está

sempre prestes a retomar seu lugar de domínio em relação a ele...o fato é que há conflitos entre as pulsões e o eu, e que é preciso fazer uma escolha (LACAN, 1956/1985, p.111).

O caso Dora nesse texto é convocado para o esclarecimento do conceito de narcisismo e do Complexo de Édipo. Retrata a relação imaginária, conflituosa, incestuosa nela mesma. Uma relação destinada ao conflito, ao desastre e à ruína na qual se faz necessária a intervenção de um terceiro elemento, um modelo de harmonia, uma imagem bem-sucedida, uma lei, uma cadeia, uma ordem simbólica, a intervenção da ordem da palavra, isto é o pai. Não se trata aqui simplesmente do pai natural, mas daquele que impõe a ordem, aquele que impeça a colisão, ao que Lacan nomeará de: *o nome do pai*. (Ibid. p.114)

2.4. A QUESTÃO HISTÉRICA (II): O QUE É UMA MULHER?

Logo no início deste texto (LACAN, 1956/1985, p.199), antes mesmo de abordar o caso Dora, Lacan destaca a importância da formação do analista. E trata de distinguir o significante do significado. É interessante relacionar estes dois conceitos, pois na prática o que mais fascina, o que mais chama a atenção dos analistas, são as formas imaginárias sedutoras, os significados imaginários do mundo subjetivo as quais organizam o mundo do paciente, teremos, então, que deslocá-los, para perceber quais as modificações possíveis para o analisando. A formação do analista é fundamental, pois será a partir dessa formação que ele irá direcionar o tratamento. Vemos aqui presente a crítica feita aos analistas que usam o fortalecimento do *Eu* do sujeito como objetivo principal. Usam como justificativa que o *Eu* é a parte sã do sujeito e ela irá colaborar no tratamento. Não era esse o procedimento utilizado por Freud, nem tampouco o que ele recomenda e que está presente na formação lacaniana. Trabalhar com o *Eu* é justamente o contrário do que se pretende, pois coloca em evidência a relação fantasmática, dificultando o esvaziamento do sintoma. Só irá acentuar a relação fantasmática e isso vai exatamente ao sentido oposto, não apenas da dissolução dos sintomas, como ao que se refere à própria estrutura do sujeito. Nem mesmo Freud reforçou o caráter imaginário da função do *Eu*; trata-se de uma ilusão narcísica, da relação do eu com o seu objeto, e daí resultará a forma como ele se apresentará na realidade.

Neste ponto retornaremos ao caso Dora. A preocupação confessada por Freud, acerca do objeto de desejo de Dora, na medida em que Freud está muito centrado na questão de objeto, não introduz a duplicidade subjetiva de base que está aí implicada.

Quando ele pergunta a Dora o que ela deseja, entretanto sua pergunta deveria ser quem deseja em Dora, revelando mais um impasse ante a sexualidade feminina presente neste tratamento (Ibid. p.200). A questão que se formula é este ponto de desconhecimento do sujeito, ele não sabe de sua existência, pois está oculto. Vemos a noção de inconsciente presente nesta argumentação.

Voltamos neste momento ao mesmo ponto que Lacan abordou em 1951, quando formula que a identificação de Dora, dos sujeitos histéricos, é com o homem, isto é, com o Sr. K. É na medida em que ela é o Sr. K que aparecem seus sintomas, por exemplo a afonia durante suas ausências. Tem-se aí tudo certo, tudo organizado, ela está identificada; os sintomas estão assim relacionados e são esclarecedores desta questão, evidenciando que ela é o Sr. K. Até a descompensação neurótica, sua queixa só demonstra sua identificação com ele. Mas a pergunta vinda da neurose é sobre o que é ser uma mulher. Vemos que o Édipo ainda se faz necessário neste momento para o esclarecimento da dissimetria entre a vivência das meninas e a dos meninos. Uma dissimetria fundamental. A evocação da anatomia para a melhor compreensão desta diferença não ajudou muito, entretanto Freud sempre marcou esta diferença.

Lacan estuda os textos de Freud e começa a apostar no nível simbólico, na relação com o significante. Ele nos introduz a questão de que a simbolização do sexo da mulher não ocorre da mesma forma que o sexo para os homens. A questão do primeiro amor, a mãe, permanece forte na realização do Complexo de Édipo, sua identificação imaginária se faz passando pelo pai, exatamente como no menino, em virtude da prevalência da forma imaginária do falo, mas, na medida em que ela própria é tomada como elemento simbólico central do Édipo, que força a mulher a tomar um desvio em relação à identificação ao pai, ponto de semelhança nos dois sexos. Em outras palavras, no Complexo de Édipo a realização para a mulher de seu sexo não se faz da mesma forma que para o homem, quer dizer, não é simétrica ao que ocorre com o menino. A menina não se identifica à mãe, a identificação ao objeto paterno é que lhe conferirá este viés suplementar. Ele acrescenta:

A desvantagem em que se encontra a mulher quanto ao acesso à identidade de seu próprio sexo converte-se na histérica em uma vantagem, graças à sua identificação imaginária ao pai, que lhe é perfeitamente acessível em razão, especialmente, de seu lugar na composição do Édipo (LACAN, 1956/ 1985, p.197).

A experiência do Édipo atesta a predominância do significante nas vias de acesso da realização subjetiva, sendo totalmente impensável no plano imaginário.

Vemos aqui que a dissimetria consiste em que um dos sexos é forçado a tomar a imagem do outro sexo por base de sua identificação.

O fato não pode ser interpretado senão na perspectiva em que é a ordenação simbólica que tudo regula. Ali onde não há material simbólico, há obstáculo, falha, na realização da identificação essencial à realização da sexualidade do sujeito (Ibid. p.202).

Somos seres de linguagem e considerados o paradoxo resultante dos entrecruzamentos funcionais entre os planos simbólico e imaginário. É porque o homem dispõe das palavras que ele conhece as coisas. Por um lado, o plano imaginário está ligado à etologia, isto é, à psicologia animal, e, por outro lado, o plano simbólico fundamentará a travessia do Édipo, citando Lacan:

É na medida em que a função do homem e da mulher é simbolizada, é na medida em que ela é arrancada, literalmente arrancada ao domínio do imaginário para ser situada no domínio do simbólico, que se realiza toda posição sexual normal, consumada. É pela simbolização a que é submetida, como uma exigência essencial, a realização genital – que o homem se viriliza, e que a mulher aceita verdadeiramente sua função feminina (Ibid. p.203).

Dora se interroga sobre o que é uma mulher ao tentar simbolizar o órgão feminino como tal. A identificação com o homem, portador de um pênis, seria uma forma de se aproximar dessa definição que lhe escapa. A apreensão do pênis como elemento imaginário revela sua dificuldade de simbolizá-lo e de metaforizá-lo, pois o caminho da realização simbólica da mulher não é assim tão simples. Tornar-se uma mulher e interrogar-se sobre o que é uma mulher, são duas coisas essencialmente diferentes. Ela, como toda mulher histérica, identifica-se com o pai, a idealização paterna é em geral um empecilho no esvaziamento dos sintomas das pacientes históricas.

Lacan faz um extenso desenvolvimento a respeito da dissimetria do Édipo, bem mais prevalente que a mudança do objeto de amor ao qual a menina está forçada. Essa dissimetria ele a situa no nível simbólico. Vemos aí surgir o início de sua teoria do falo. Por essa prevalência do falo, Lacan estabelece uma identificação imaginária ao pai, tanto na menina como no menino. Este falo é aí colocado no seu valor significativo, como simbólico. No nível da experiência vivida, a menina deveria ter um acesso direto à sua feminilidade, entretanto, nem sempre ocorre desta maneira. No Caso Dora sua identificação ao homem portador de pênis lhe serve apenas de instrumento imaginário, para apreender o que ela não chega a simbolizar: o que é ser uma mulher?

2.5. DORA E A JOVEM HOMOSSEXUAL²².

O valor intersubjetivo da lei representado como terceiro elemento, é o que está em questão neste momento para Lacan (LACAN, 1957/1995, p.133), o que lhe parece fundamental é o que poderá retirar o sujeito desta relação binária com seu objeto de amor, quer dizer, desta relação imaginária. É necessária a introdução de três termos para que comece a ser articulado algo semelhante a uma lei. Esta é a dimensão sobre a qual repousa este texto. Nesse sentido, vemos nestes dois casos de Freud semelhanças e diferenças, porém, em ambos, existem três elementos importantes: a jovem, o pai e a dama. No Caso Dora, a dama será representada pela Sr^a. K. A esse respeito Lacan dirá:

Os três tempos intersubjetivos são aqueles segundo os quais tentamos ver como se introduz o objeto na cadeia simbólica. Pois, pelo simples fato de vir a nosso alcance, sob nossa jurisdição, na prática analítica, é realmente preciso que este objeto entre nessa cadeia...Mas, por ora, tentamos estabelecer os princípios de relações entre o objeto e, por outro lado, a constituição da cadeia simbólica (LACAN, 1957/1995, p.134-135)

Ao abordar a questão analítica, referindo-se à transferência, o analista deverá estar no lugar da transferência como tal. E como se trata de articulação simbólica, já aparece nos sonhos a imagem do analista, como no Caso Dora. A observação de Lacan é que a transferência já estava presente e Freud não faz uso dela, isto é: *não tira daí a consequência estrita, nem tampouco o método correto de intervenção.* (Ibid. p.138). No caso Dora ele abusa dessa posição em que se encontra. Afirma que ela está enamorada do Sr. K., com tanta insistência, produzindo o abandono de Dora ao tratamento. Trata-se de uma confusão entre a posição simbólica e a posição imaginária que vemos aí produzida.

Quando Dora manifestou sua intenção de suicidar-se, alterando a situação, a família ficou alarmada e o pai a encaminha novamente a Freud. Percebemos um intervalo de dois anos entre os acontecimentos²³. Entretanto, a ruptura do equilíbrio à qual Dora se prestava, desde logo fora marcada para Freud, tanto em sua reivindicação histórica como na sua imensa afeição a seu pai. Dora achava que o pai lhe havia sido arrebatado por essa ligação com a Sr^a. K. Ficando claro para Freud que ela estava ciente desde o início e que somente agora não podia mais tolerá-la.

²²Para esta dissertação, somente serão avaliados os elementos referentes ao nosso objeto de pesquisa, que é o caso Dora.

²³Na página 35 encontra-se o resumo cronológico dos acontecimentos do Caso Dora.

Essa nova perspectiva que Lacan traz ao caso Dora deixa claro desde o começo que Dora é uma histérica, quer dizer, alguém que chegou ao nível da crise edipiana, e não pode ultrapassá-la. O ponto importante aqui destacado é a impotência do pai de Dora. Isso nos dará a oportunidade de valorizar a função do pai como referência à falta de objeto pela qual a menina entra no Édipo. A criança é frustrada no seu primeiro objeto de amor, isto é, a mãe, mas depois de sua frustração, seu desejo continua.

O pai é feito para ser aquele que dá, entretanto, no caso de Dora, isso não acontece, pois seu pai é impotente, isto é, ele não dá porque não tem. A carência fálica do pai atravessa todo caso como uma nota fundamental constitutiva de sua posição. O que é dar? Alguma vez o objeto é dado? São questões que interrogam a posição da menina diante de sua própria sexualidade.

2.6. AS MÁSCARAS DO SINTOMA.

O inconsciente é abordado neste texto como sendo o conceito primordial da psicanálise, abrindo vias e possibilidades particulares a cada um. Entretanto, existem limites que podemos definir como normatização, inerentes da condição humana. O irreduzível e o limite apontam para o que no homem chamamos de O *Complexo de Castração* e na mulher a *inveja do pênis*. Trata-se de uma relação fundamental ao falo. O conceito do inconsciente é elaborado por Freud a partir de sua investigação das formações inconscientes: os sonhos, os chistes, os atos falhos e os sintomas. Foi por meio deles que ele identificou a via do desejo; entretanto, a realização do desejo estará presente na sua interpretação dos sonhos. *Evidencia-se desde logo, portanto, que o desejo está ligado a alguma coisa que é sua aparência e, para dizermos a palavra exata, sua máscara* (LACAN, 1958/1999, p.331).

O processo analítico não pode ser apontado como o fundador da função do desejo, mas por meio dele que pudemos perceber em que grau de profundidade é levado o fato de o desejo humano não estar diretamente implicado numa relação pura e simples com o objeto que o satisfaz. Nos sonhos, este desejo fica explícito, ou pelo menos, mais explícito; na relação analítica, nas suas manifestações nos sintomas, ou nas demais formações do inconsciente, o desejo fica velado, oculto. O caráter fugidivo e inapreensível do desejo escapa à síntese do eu, sendo apenas uma afirmação ilusória de síntese, porém, será por meio da contradição, da anomalia, da aporia do desejo, que veremos manifestada uma relação mais profunda do sujeito com a vida, com suas

pulsões. E será a análise que nos fará experimentar por quais meios se realizam não apenas os objetivos ou finalidades da vida, como também o desejo, que nos leva a fazer progressos na situação. *A experiência freudiana mostra-nos um encaminhamento inteiramente diverso, embora também se apresente nele como profundamente ligado à relação com o outro como tal, apesar de se apresentar como desejo inconsciente* (Ibid. p.332).

Dentro desse contexto do seu ensinamento, Lacan nos apresenta, mais uma vez, suas elaborações sobreo *Caso Dora*, entretanto, ele nos lembra que Freud quando começa a ler os sintomas de seus pacientes nos seus próprios sonhos e nos trazer a noção de desejo inconsciente, a psicanálise estava apenas se constituindo, estava em seus primórdios. *O conhecimento insuficiente que Freud tinha nesta ocasião fez com que, em mais de um caso, suas interpretações se apresentassem com um caráter demasiadamente diretivo, quase forçado e, ao mesmo tempo, precipitado, o que de fato confere pleno valor à expressão interpretação enviesada* (Ibid. p.333). Suas interpretações funcionavam na maior parte das vezes, pois sabemos que, nas várias vertentes que a transferência²⁴ pode aparecer, a interpretação do analista assume um caráter de veredicto, tudo que sai da boca de analista é tido como verdadeiro. A questão é saber contra qual fundo de não dito propõe-se uma interpretação.

Para entendermos o que pode estar aí colocado como sendo da ordem do desejo, isto é, do caráter problemático do desejo tal como ele se apresenta na experiência analítica, devemos falar do sintoma. Freud nos diz que o sintoma *fala* na sessão, o *isso fala* e os sintomas se acentuam, tornam-se mais ou menos intoleráveis e fazem parte do discurso do sujeito. Suas modalizações, isto é, o tom da voz e suas modulações, o grau de ardor, a importância, é o valor revelador daquilo que o sujeito declara e estará presente nisso que ele deixa escapar.

Devemos na análise implicar o sujeito com seu desejo, nos pacientes históricos, muitas vezes, este desejo se apresenta de forma ambígua, mesmo que o

²⁴Miller identifica a primeira forma de transferência com a função de repetição, a segunda identifica a transferência com a resistência e a terceira identifica a transferência como sugestão, e destaca que a análise se faz, em certo sentido, graças à transferência e, em outro sentido, apesar dela. Neste texto a versão que nos interessa é a terceira forma da transferência, a transferência como sugestão. *Os resultados da psicanálise repousam sobre a sugestão, e por sugestão devemos entender a forma de influir sobre uma pessoa os fenômenos transferenciais possíveis em seu caso... Um dos objetivos da teoria lacaniana da transferência é distinguir radicalmente a transferência da sugestão, aceitando ao mesmo tempo, que resta uma margem de sugestão em toda transferência* (MILLER, 1984/1987, p.64).

sujeito se interesse, estando implicado na situação, ele permanece velado, como uma máscara. É isso que está representado num sintoma, uma máscara. Ela é a própria ambiguidade, impedindo o sujeito de se orientar em relação ao objeto em questão. Trata-se de um problema entre o sintoma e o desejo inconsciente, a ligação entre eles permanece um ponto de interrogação, a máscara é o enigma com o qual o sintoma se reveste.

O sintoma vai no sentido do seu reconhecimento, antes não havia como reconhecê-lo, ele não visava a ninguém. Quando se trata de um desejo de reconhecimento, ele se mostra diferente tornando-se um desejo recalcado. A degradação amorosa é a base do Complexo de Édipo. O sujeito que não abandona o seu objeto incestuoso permanecerá fixado na mãe, o amor e o desejo ficarão dissociados. Inevitavelmente, não se poderá amar o objeto desejado. Exemplos da clínica nos indicam a dificuldade diante dessa dissociação, e alguns sujeitos quando abordam uma mulher não a encontram, pois, na verdade buscam a mãe. Na tentativa de escapar desta dicotomia entre o amor e o desejo, o sujeito vai buscar na prostituta o falo, é o falo de todos os homens, o falo anônimo. Nessa dissimetria entre amor e desejo, vemos surgir um novo conceito e transcreveremos aqui o enunciado de Lacan:

O desejo da mãe é, aqui, um rótulo, uma designação simbólica do que constatamos na prática, isto é, a promoção correlata de cindida do objeto do desejo em duas metades irreconciliáveis: ... o objeto substitutivo, a mulher como herdeira da função da mãe e como despojada, frustrada do elemento do desejo. Do outro, há esse próprio elemento de desejo (LACAN, 1958/1999, p. 339).

Retomemos o *Caso Dora*. Freud dizia à Dora que ela amava o Sr. K e que deveria tentar relacionar-se com ele. Ela não queria saber nada a esse respeito e não colocava em jogo alguma coisa da ordem da sua verdade. Estávamos numa época primitiva da experiência analítica, entretanto, o fato de ele dizer para onde se dirigia o amor de Dora não implicava a sua aceitação. Isso numa paciente histérica torna-se uma intromissão forçada, e o que se desenrola a partir daí é o inevitável: abandono do tratamento.

2.7. DO SUJEITO DA CERTEZA.

Este capítulo encontra-se no *O Seminário livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise* (LACAN, 1964/1985, p.40) e marca a ruptura de Lacan

com a Instituição à qual ele encontrava-se filiado. É o momento em que é ele quem escolhe o que irá falar, iniciando-se uma nova fase de seu ensino. Nesse seminário ele retorna a questão formulada por Freud – *O que quer uma mulher?* A histérica é esta que não completou sua questão edípica a respeito de sua feminilidade e interroga-se todo o tempo *o que é uma mulher?* Ou, como ser objeto de desejo de um homem? Como se fazer desejar? O que um homem deseja? O que a outra tem que eu não tenho?

Convém interrogarmos o que Lacan destaca em sua leitura sobre o desejo da histérica e quais as conclusões que ele tira das articulações feitas por Freud no Caso Dora, quando ele deixa de formular corretamente as questões que envolvem o objeto de desejo de Dora. Lacan situa a falta a ser na histérica como a falta a ter (o falo imaginário), é na hiância entre o sujeito e o objeto de desejo que se encontra a relevância do Caso Dora. Dora explicita o esforço da histérica em sustentar o desejo do pai, mesmo que seja por intermédio de uma outra. Para Dora, *A mulher* estava identificada com a Sr^a. K, quando ela se surpreende com os comentários da empregada²⁵. Nessa passagem Freud aponta à Dora que as palavras utilizadas pelo Sr. K para fazer a proposta a Dora são as mesmas que ele utilizou ao cortejar a jovem que trabalhava em sua residência. Dora ao escutá-las, passa ao ato e o esbofeteia, não consegue continuar a sustentar o desejo do pai e nem o dela mesma. Ela não pode realizar o desejo, como o desejo do outro. Estando a certeza do outro lado, do inconsciente, do sujeito histérico identificado ao homem, que quer sustentar o pai potente; é disto que se trata. Ela quer fazer do pai impotente, um pai ideal e potente, este esforço de Dora será por intermédio da outra mulher. A Sr^a. K é vista por Dora como aquela que sabe o que um homem deseja, assim como o que é ser uma mulher. Ela sustentar a potência do pai, por procuração, através da outra mulher idealizada. Citando Lacan:

²⁵Esta passagem encontra-se publicado no Caso Dora: *Bem, havia uma mocinha na casa, como governanta das crianças, que exibia um comportamento estranhíssimo em relação ao Sr. K. Não o cumprimentava, não lhe dava nenhuma resposta, nunca lhe entregava nada à mesa quando ele lhe pedia, em suma, tratava-o como se fosse vento. Aliás, ele também não era muito mais cortês com ela. Um ou dois dias antes da cena do lago, a moça me chamou à parte; tinha algo a me comunicar. Contou-me então que o Sr. K., numa época em que sua mulher estivera ausente por várias semanas, tinha-se aproximado dela, fizera-lhe um assédio insistente e lhe pedira que fosse solícita com ele, dizendo que não tinha nada com sua mulher etc.”*

— *Ora, são as mesmas palavras que ele usou ao fazer-lhe sua proposta, e em função das quais você lhe deu a bofetada no rosto.*

— *É. Ela cedeu, mas em pouco tempo ele já não lhe dava importância, e desde então ela passou a odiá-lo.”* (FREUD, 1905/2006, p.102)

A complacência tão manifesta de Dora para com a aventura do pai com aquela que é a mulher do Sr. K., que ela o deixe fazer-lhe corte, é exatamente o jogo pelo qual é o desejo do homem que lhe é preciso sustentar. Também a passagem ao ato, a bofetada da ruptura, logo que um deles, o senhor K., lhe diz, não – Eu não me interesso por você, mas – “Eu não me interesso pela minha mulher”, mostra que lhe é preciso que esse laço seja conservado preso a esse elemento terceiro que lhe permita ver subsistir o desejo, de todo modo insatisfeito – também o desejo do pai que ela favorece enquanto impotente, como o desejo dela mesma, de não poder se realizar enquanto desejo do Outro. (LACAN, 1964/1986, p.41)

E conclui Lacan com o seguinte comentário: *Só levei tão longe esta abertura para lhes permitir distinguir o que é a posição do encaminhamento freudiano com relação ao sujeito – na medida em que é o sujeito que está interessado no campo do inconsciente. Distingui assim a função da certeza em relação à procura da verdade. (Ibid. p.41).*

A função estruturante da falta marca um ponto fundamental abordado por Lacan neste seminário, e, com ela, o desejo como limitado. Lacan nos adverte: *O que a experiência analítica nos permite enunciar, é bem mais a função limitada do desejo. O desejo, mais do que qualquer outro ponto do quinhão humano, encontra em alguma parte seu limite. (Ibid. p. 34).*

2.8. O MESTRE CASTRADO.

Este último texto a ser tratado aqui, encontra-se no *O Seminário livro 17, O avesso da psicanálise* (LACAN, 1970/2007, p. 91), e, novamente, ele trará o caso Dora como exemplo clínico para a articulação de sua teoria. Nesse momento, Lacan elabora o conceito dos matemas denominados *os quatro discursos*²⁶. Ao apresentar o conceito do

²⁶Nos quatro discursos, (Lacan lança mão de quatro letras: *a*: o objeto *a*, mais-gozar, condensador de gozo e causa-de-desejo; *S*: o sujeito barrado pelo significante; *S1*: o significante-mestre, o sê-lo, o significante pelo qual os outros significantes são ordenados; *S2*: o saber constituído enquanto cadeia significante).

Os quatro lugares:

1. agente ou poder ou semblante
4. verdade

2. Outro/outro, ou trabalho ou gozo
3. produção/perda ou mais-gozar

As setas de implicação ou conexão (\rightarrow) para orientar o sentido da cadeia significante e do quarto de giro circular como operador da transformação de um discurso em outro, por progressão (sentido horário) ou por regressão (sentido anti-horário), possibilitando assim a circulação das letras, em permutação circular, sem comutação, por quatro lugares.

discurso do mestre: discurso histórico:

gozo fálico, trata-o como uma impossibilidade geral, não apenas para as mulheres. Entretanto, ressalta que nada pode se aproximar do gozo de forma mais perfeita do que o órgão masculino. Ele nos esclarece que *só o falo pode ser feliz, não o portador do dito cujo* (LACAN, 1970/2007, p.77). E quando, em desespero de causa, esse portador vem oferecê-lo à sua parceira, ele deve se empenhar para fazê-la aceitá-lo. Entretanto, ao aceitar fica implicado que ela terá de reconhecer que ela não o possui. Lacan comenta: *É isto, exatamente, o que nos revelou aquilo que Freud soube extrair do discurso da histérica. A partir disso é que se entende que a histérica simbolize a insatisfação primeira.* (Ibid. p.77). O homem com todos os seus esforços, no campo do amor, dos cuidados e da sua ternura, só fará reviver a privação na mulher, isto é, sua falta.

Lacan vai demonstrar por meio de qual subterfúgio a histérica escapa à reivindicação peniana; como ela tem êxito em simbolizar essa primeira insatisfação. Quanto a Dora, *ela o fará pela adoração do objeto de desejo²⁷ que a mulher, em seu horizonte se tornou, mulher com a qual se recobre – e que se chama, na história do caso, Sr^a. K. . Dora está feliz de deixar esse essencial à Sr^a. K – Madona de Dresden, que ela adora. Ela tampona com essa adoração sua reivindicação peniana; temos aí a solução: ela deixa para a outra este objeto, e ficará feliz com isto. Lacan aponta outras soluções, mas indica esta *porque é a mais escandalosa* (Ibid. p.78).*

Um gozo fálico proveniente da ligação edipiana não iria afrontar a reivindicação peniana. Mas esse gozo é interdito pela norma social. Esse pai, pivô de sua história, é um homem castrado quanto à sua potência sexual, sem expectativas. Nos diz Lacan:

Ele é pai, como o ex-combatente, até o fim de sua vida. Significa implicar na palavra do pai algo que está sempre, de fato, em potência de criação. E é em relação a isto, neste campo simbólico, que temos que observar que o pai, na medida em que desempenha esse papel-pivô, maiúsculo, esse papel-mestre no discurso da histérica, é isto

$$\frac{S1 \rightarrow S2}{\$ \leftarrow a} \qquad \frac{\$ \rightarrow S1}{a \leftarrow S2}$$

discurso do analista: discurso universitário:

$$\frac{a \rightarrow \$}{S2 \leftarrow S1} \qquad \frac{S2 \rightarrow a}{S1 \leftarrow \$}$$

²⁷Mais adiante, ainda nesse texto, encontramos uma articulação de Lacan sobre o desejo, ele dirá: *A questão é articular o que há dessa exclusão fálica no grande jogo humano de nossa tradição que é o desejo. O desejo não tem relação imediatamente próxima com esse campo. Nossa tradição o apresenta como ele é, Eros, a presentificação da falta.* (Ibid. p.80)

que precisamente que chega a sustentar, sob esse ângulo da potência de criação, sua posição em relação à mulher, mesmo estando fora de forma. (Ibid. p.100)

Trata-se de um pai doente, um pai impotente, porém, a função simbólica é um atributo que ele porta. Pai ele será até o fim de sua vida. Há sempre algo da ordem da potência na palavra *pai*. E será no campo simbólico que o pai, desempenhando o papel de mestre, poderá – no discurso histórico²⁸ – sustentar sua posição em relação à mulher. É o pai idealizado. A identificação ao pai é dada como primária, ele revela ser aquele que preside à primeiríssima identificação e nisso precisamente ele é, de maneira privilegiada, aquele que merece o amor.

Sr. K convém à Dora, pois ele possui o órgão, ela sabe disso e essas recordações foram reveladas a Freud. Dora relata o momento em que o Sr. K a assedia, encostando-a numa janela, deixando-a perceber seu órgão rígido e evidenciando seu desejo sexual. A jovem tinha apenas quatorze anos, entretanto, isto não foi suficiente para alterar as relações entre as famílias, pelo menos nesse momento.

Na segunda vez em que é encaminhada para o tratamento com Freud, ela irá colocar todos na história. Enfim, *é o órgão que tem o valor desse terceiro homem; não para que Dora desfrute dele, mas para que uma outra se prive dele*, nos dirá Lacan.

A Sr^a. K, que Dora contempla na figura da Madona de Dresden, é aquela que é capaz de sustentar o desejo do pai idealizado e também de privá-la de sua presa. Desses gozos, Dora é duplamente excluída. Se ela o suporta tão bem, provavelmente é em identificação a outro tipo de gozo, próprio do discurso do mestre: o mais-de-gozar, isto é, o objeto *a* encontra-se na posição da produção, abaixo da barra, quer dizer inconsciente²⁹.

Lacan nos recorda dos sonhos de Dora e trata de elaborar o que há de importante neles para a compreensão do caso. No primeiro sonho, que é chamado do

²⁸Convém esclarecer que a noção de discurso elaborada por Lacan no *Seminário 17, O avesso da Psicanálise* (LACAN, 1969-1970/2007) visa à inscrição daquilo que funda a palavra nos seus efeitos. Ela permite que se perceba o que se passa quando se faz uso da palavra. Lacan afirma: *o que conduz o saber não é o desejo de saber. O que conduz ao saber é o discurso da histérica* (Ibid. p.22). A concepção da cura como “histerização do discurso”, bem como a do ser falante como sendo estruturalmente histórico, levaram-nos a tentar uma articulação entre o discurso histórico e o saber psicanalítico, concebendo-o como essencialmente inacabado. Que Freud tenha fundado a psicanálise sobre e a partir do discurso das históricas não é simplesmente um fato. Sua razão assenta-se na única possibilidade de abertura para um saber da ordem do inconsciente, isto é, na estrutura desse discurso e na forma como Freud se posicionou ante o mesmo. Ao considerarmos clinicamente a histérica, ou ao determo-nos na história do saber médico sobre a histeria, constatamos que a histeria fala, e dela se faz falar!

²⁹Nessa posição do discurso do inconsciente, ou do mestre, inscreve-se a fórmula da fantasia ($\$ \diamond a$) indicando um desconhecimento e uma imposição deste objeto, e, conseqüentemente, uma relação de sofrimento para o sujeito.

sonho da caixa de joias, é a caixa e não a joia que importa, mas o invólucro do órgão precioso. Ela goza com esse invólucro. Ela sabe gozar muito bem de si mesma, dos relatos de Freud sabemos que ela gostava de se masturbar quando criança. Quer dizer, do Sr. K. ela só receberá o estojo, não lhe dará outra coisa, pois a joia é ela. E a dele, que a coloque em outro lugar. Por conseguinte, como poderia ela tirar vantagem na oferta neste enunciado: *Minha mulher nada é para mim. É bem verdade que nesse momento o gozo do Outro se oferece a ela, e ela não o quer, porque o que quer é o saber como meio de gozo, mas para fazê-lo servir à verdade do mestre que ela encarna, enquanto Dora* (LACAN, 1970/2007, p.101). Ela não quer o gozo que se oferece aí, vai preferir a verdade, isto é, a *que o mestre é castrado*. Neste ponto Lacan nos explica que o único gozo que pode representar a felicidade, seria o gozo do falo, uma relação com o saber que se encontra no Outro e no seu gozo. Trata-se do objeto mais de gozar, que não lhe é permitido saber, pois está inconsciente, sendo, portanto, um resto excluído que não lhe serve.

O segundo sonho marca que o pai simbólico é justamente este pai morto. Freud diz que é preciso não esquecer que, para que se constitua um sonho, não basta que ele represente um desejo vivo do sujeito em relação ao presente; é necessário que um desejo da infância lhe forneça suas bases. O desejo da criança ganharia sua força no mais-de-gozar; ou seja, aquilo que se acumula como capital de libido. Então, ao assinalar que o pai simbólico é o pai morto, alcança-se a um lugar vazio e sem comunicação. Temos neste sonho uma condensação de imagens e de acontecimentos que marcaram Dora. Sua mãe lhe diz: *Venha se quiser, seu pai está morto e o estão enterrando*³⁰. Esse *venha se quiser*, faz ressonância à frase da Sr^a. K, quando esta lhe convida para passar o verão com eles na casa do lago - local onde ocorreu a passagem ao ato de Dora que produziu o rompimento de sua relação com o casal. Ainda neste sonho, Dora vai encontrar apenas o apartamento vazio, abandonado, por aqueles que a convidaram, pelos que foram ao cemitério. Ela encontra um substituto do pai: o dicionário, esse grosso livro, em que se ensinam coisas relacionadas ao sexo. O que lhe importa – até mais que a morte do pai – é o que ele produz de saber. Não um saber qualquer, é um saber sobre a verdade, essa verdade com a qual Freud a ajuda na experiência analítica. Quando ela obtiver a satisfação de fazer com que todo mundo saiba da verdade das relações entre seu pai e a Sr^a. K e da sua com o Sr. K, que todo

³⁰Um pequeno trecho retirado do segundo sonho de Dora.

mundo quis enterrar, o que para ela é suficiente para encerrar dignamente o que vinha a ser sua análise, mesmo que Freud não parecesse nada satisfeito com o desenlace desta quanto a seu destino de mulher. (Ibid. p. 102).

Lacan vai nos dizer neste texto que Freud chegou a levar a análise de Dora até um ponto satisfatório, isto é: *um certo sucesso com Dora* (Ibid. p.102), contudo, o que ele evidenciou foi sua falta de habilidade em prosseguir com o atendimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O caminho percorrido nesta dissertação tem sua fundamentação exclusivamente nos mestres da Psicanálise, Sigmund Freud e Jacques Lacan. A proposta básica foi traçar um percurso nestas obras para detalhar e demonstrar, de Freud a Lacan, os avanços conceituais a respeito do tema mor da psicanálise, a feminilidade. Entretanto, é importante destacar que ao apoiarmos esta dissertação nas interrogações de Lacan acerca do *Caso Dora*, este trabalho não avança além do *Seminário livro 17, O avesso da Psicanálise* (LACAN, 1969-70/2007). As elaborações teóricas de Lacan sobre a feminilidade possuem avanços importantes, descentralizam do Complexo de Édipo e do Falo suas construções; elaborações estas, que não foram privilegiadas nesta dissertação. Este caminhar nos textos recolhendo as principais citações e desenvolvimentos do tema em questão foi bastante árduo. Mas ao mesmo tempo instigante e valioso para a compreensão mais apurada dos conceitos e da prática da psicanálise, principalmente no que se refere à feminilidade, pois foi assim que Freud trabalhou a neurose histérica. A reflexão inicial do tema foi disparada pela própria pergunta, que fez questão e estimulou a pesquisa do criador da psicanálise, ou seja, a questão sobre o enigma que comporta o desejo feminino.

Ao iniciar a leitura sistemática dos textos sobre os casos clínicos das histerias clássicas da literatura psicanalítica, elegemos a apresentação deles para compor o primeiro capítulo deste documento, a fim de relevar a precisão e os detalhes das elaborações teóricas de Freud, feitas a partir de sua experiência clínica, na escuta e no tratamento de mulheres com sofrimentos histéricos graves e seus esforços para a universalização dos conceitos e para a transmissão do impossível, que é a prática da psicanálise. Dentre as diferentes direções que este estudo poderia ter tomado, como, por exemplo, trabalhar o conceito da transferência, as técnicas por ele criadas (associação

livre, interpretação dos sonhos, entre outras) fez-se imperativo abordar e rever em toda a literatura disponível em Freud e Lacan, o tema da feminilidade a partir do *Caso Dora*. Principalmente por se tratar de um caso determinante para as construções primeiras sobre o tratamento de mulheres, que sofriam de sintomas relacionados às dificuldades em aceder à feminilidade, ou seja, sobre as histéricas com as quais Freud pôde construir sua teoria e fundar a psicanálise.

Vale ressaltar o contexto dos sintomas descritos por Freud em sua prática. Tratava-se da era pós-vitoriana, quando o tabu da virgindade e a repressão da sexualidade eram imperativos em um mundo regido pelo Nome-do-pai³¹. A subjetividade era orientada por uma rígida ordem simbólica, que determinava referências fixas e balizava o ser homem ou ser mulher. Apesar dos sofrimentos e sintomas nas neuroses histéricas nos dias de hoje apresentarem-se de formas bastante diversas das primeiras histerias clássicas descritas (e poderia ser tema de outra pesquisa) e que ocuparam os consultórios dos psicanalistas durante longos anos, alguns aspectos cruciais tratados aqui permanecem no discurso da histeria: a reivindicação histórica, o amor ao pai e a questão envolvendo a outra mulher. Temas de uma atualidade contundente.

O que se apresenta aqui é a psicanálise calcada na questão fundamental da sexualidade feminina, sobre a que Freud se debruçou desde o princípio, ainda como médico, na estranheza dos sintomas histéricos que marcavam no corpo o emblemático do sofrimento das histéricas e de sua sexualidade reprimida, com suas parafrenias, cegueiras, paralisias, astenias e depressões histéricas. O desenvolvimento de sua tese do *Complexo de Édipo* na mulher já apontava para a problemática da sexualidade feminina e sua relação com a diferença sexual anatômica, a questão da castração imaginária e o falo como organizador simbólico do ser feminino ou masculino.

Nos seus últimos textos Freud aponta para duas elaborações, a inveja do pênis, como o grande problema da mulher, e a solução para o Édipo, isto é, a maternidade como preenchimento da feminilidade na falta do falo. A reivindicação da mulher faz com que ela se volte para o pai na esperança de que ele lhe dê aquilo que ela

³¹ O Nome do pai constitui o operador por excelência da simbolização, isto é, um registro inscrito na experiência clínica, um fator decisivo na condução da cura. O Nome do pai é suscetível de ter duas leituras:

- 1- Relativa à função lógica variável de cada sujeito, quer dizer o que funcionou para cada sujeito como Nome do pai;
- 2- Um enunciado equivalente à sua própria significação, o nome próprio do sujeito e introduz a dimensão mortificante do significante.

acha que a mãe lhe negou. Freud constatou que tudo o que pôde fazer pelas histéricas só o conduziu até o *Penisneid*, ou seja, à censura da menina à sua mãe por não tê-la concebida menino. O que é relatado sobre a mãe, sob forma de frustração, poderia, no discurso da histérica, desdobrar-se assim: de um lado, a castração do pai idealizado e, de outro, a assunção ou não, pelo sujeito feminino, do gozo de ser privado disso.

Essa solução para a sexualidade feminina faz com que ele se questionasse e, sem respostas, lançasse uma questão: *O que quer uma mulher?* Um enigma, ele dirá, algo que não consegue encontrar uma resposta para além de onde ele conseguiu chegar, chegando a dizer que a mulher é *um continente negro*³². E ele conclui:

Isto é tudo o que tinha a dizer-lhes a respeito da feminilidade. Certamente está incompleto e fragmentário, e nem sempre parece agradável. Mas não se esqueçam de que estive apenas descrevendo as mulheres na medida em que sua natureza é determinada por sua função sexual. É verdade que essa influência se estende muito longe; não desprezamos, todavia, o fato de que uma mulher possa ser uma criatura humana também em outros aspectos. Se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e mais coerentes. (FREUD, 1933/1976, p.165)

Escolher Dora e dar um salto epistêmico nessa questão levantada por Freud, utilizando os textos escritos por Lacan nos quais durante 17 anos trabalhou o caso Dora, foi a forma que encontramos para trilhar seus caminhos, buscando respostas, tratando de não perder o rumo por Freud traçado.

O primeiro texto em que Lacan trabalha o caso *Dora*, encontra-se nos *Escritos* sob o título: *Intervenções sobre a transferência*. As inversões dialéticas apontadas por ele na condução do tratamento de Dora por Freud deixam claro, para um analista lacaniano, a articulação de Lacan do seu conceito de *retificação subjetiva*. Poderíamos dizer que essas inversões dialéticas têm como efeito uma retificação na subjetividade de Dora, colocando-a em outro lugar, isto é, implicando-a com aquilo que ela se queixa. Quer dizer, não mais como simples vítima da situação que ela relata, mas com uma participação efetiva nos fatos. Se ele marca que Freud poderia ter feito outras inversões dialéticas e chegar a um ponto diferente, é porque algo da subjetividade de Freud o impediu de avançar. Lacan não para neste ponto, ele muda continuamente seu

³² Freud faz essa referência no artigo *Análise leiga*, transcrevo aqui a frase completa: *Sabemos menos acerca da vida sexual das meninas do que dos meninos. Mas não é preciso envergonharmo-nos dessa distinção; afinal de contas a vida sexual das mulheres adultas é um continente negro para a psicologia. (FREUD, 1926/1976, p.211)*

conceptual teórico e, com isso, o modo de analisar este caso e, assim como Freud, ele também avança na teoria.

Finalmente, no *O Seminário 17, o avesso da Psicanálise*, ele conclui que houve uma análise e que Dora consegue livrar-se suficientemente de seus sintomas a ponto de prescindir do tratamento. No dizer de Lacan, por outro lado, *com sua lúcida coragem, Freud chegou a levar a cabo um certo sucesso com Dora* (LACAN, 1970/2007, p.103).

Lacan utiliza os quatro discursos, mais especificamente o discurso do mestre para dar consistência à sua teoria. Isso porque, no discurso do mestre ou o discurso do inconsciente, o saber (S₂) está no lugar do Outro (grande outro) representado pelo pai. Isto é, a posição inicial de Dora era a de um imenso amor a este pai, que, apesar de impotente, será sempre o Pai, aquele que sabe. Nesse mesmo discurso, temos a fórmula da fantasia abaixo das barras, indicando que esta posição do sujeito é da ordem do inconsciente, e que logo não é do conhecimento de Dora. Isto é, suas reivindicações ao pai, sua ameaça de suicídio, a colocam no lugar do que Lacan denomina *objeto a*, como mais de gozar, um imperativo ao sofrimento, um sem saída dessa situação. O funcionamento do sujeito é a forma como ele se apresenta no seu inconsciente, submetido à sua fantasia e, sem a intermediação de um analista, muito dificilmente ele conseguirá retificar sua subjetividade e sair dessa posição.

O discurso do mestre tem como contraponto o discurso analítico, quer dizer, o discurso que propicia um outro saber fazer com este gozo que estava aí submetido sem conhecimento e sem explicação. Assim, este significante mestre poderá assumir a posição de agente, do lado do sujeito. O saber, que antes estava colocado no pai, passa a pertencer à própria Dora, situado no lugar de sua verdade. Não mais localizado no Outro que tudo sabe, mas nas suas próprias questões e desejos. É o momento em que o *objeto a* passa de *mais de gozar a causa de desejo*, isto é, o gozo presente nas reivindicações e demandas é modulado, diminuindo o sofrimento, sendo, então, possível por isso concluir que aí houve uma análise. Como se nota no relato final de Freud sobre o caso: *mesmo que isto ainda lhe causasse uma ligeira emoção quando ouvia falar do relacionamento de seu pai e a Sr^a. K., ela já não se imiscuía nisso. Estava dedicada aos seus estudos e não pensava em se casar* (FREUD, 1905/2006, p.116).

Freud para diante do *continente negro* e para ele a feminilidade permaneceu um mistério, entretanto, Lacan vai mais além do Édipo freudiano conceituando a questão do feminino a partir de seu gozo que é não-todo fálico, quer dizer, que a mulher

não goza apenas do órgão. Ela comporta um algo a mais, uma experiência de gozo que a transcende e que ele associa ao gozo místico, como ele descreve no *Seminário livro 20 Mais, ainda*. É desse modo que Lacan nos fornece subsídios para pensarmos a questão da mulher um passo além do significante fálico, quando localiza *a constituição do masculino e do feminino a partir da construção das fórmulas da sexuação* (LACAN, 1974/1985, p.105), apontando, assim, que na posição feminina o sujeito comporta um gozo a mais do significante fálico, um gozo suplementar, indizível, que remete ao infinito, que não tem nome. Não sem consequências, esta teoria revolucionou o entendimento sobre a existência humana, o existir humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FREUD, S. Estudos sobre a Histeria [1893]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. II.

FREUD, S. Um caso de histeria [1901]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. VII.

FREUD, S. O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais [1916]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro. Imago, 1976. v. XVI.

FREUD, S. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade [1923]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro. Imago, 1976. v. XIX.

FREUD, S. A Dissolução do Complexo de Édipo [1924]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XIX.

FREUD, S. *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos* [1925-1931]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XIX.

FREUD, S. *Sexualidade feminina* [1931]. In: ____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro. Imago, 1974. v. XXI.

FREUD, S. *A feminilidade* (1933). In: ____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XXII.

FREUD, S. *Esboço de Psicanálise* [1940 (1938)]. In: ____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. v. XXIII.

FREUD, S. *Análise terminável e interminável* (1937). In: ____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. v. XXIII.

LACAN, J. *Escritos: Intervenção sobre transferência*. (1951). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. *O Seminário, Livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. [1953-54]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LACAN, J. *O Seminário, Livro 3: As Psicoses*. [1955-56]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. *O Seminário, Livro 4: A relação de objeto*. [1956-57]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

LACAN, J. *O Seminário, Livro 5: As formações do inconsciente*. [1957-58]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, J. *O Seminário, Livro 8: A Transferência*. [1960-61]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, J. *O Seminário, Livro 11 : Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. [1964]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. *O Seminário, Livro 17: O avesso da psicanálise*. [1969-70]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

LACAN, J. *O Seminário, Livro 20: Mais, ainda*. [1972-73]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. *Outros Escritos: O aturdito*. (1972). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

MILLER, J.A. *Silet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MILLER, J.A. *Percurso de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.